

HEGEL Para Principiantes



António Campos

Sociedade Chesterton Portugal

Janeiro de 2015

Índice

Capítulo I - Introdução	3
A Viagem	4
O Homem e a Circunstância	6
De Iena a Berlim	9
Capítulo II – A Fenomenologia do Espírito	12
Uma Viagem Alucinante	12
Uma Filosofia que é uma Psicologia	15
A Consciência de Si	16
O Senhor e o Escravo	17
A Razão: Panteísmo, A Mente e a História	20
O Conhecimento Absoluto	22
Capítulo III – Fenomenologia: Uma Crítica Elementar	24
O Retorno a Si	24
Um Homem não se Banha Duas Vezes na mesma água	25
A consciência de si como conflito	26
A Incompletude	27
O Carácter Perene da Matemática, da Razão e da Consciência	28
A sensibilidade Primária Não Conceptual	29
A Natureza Absoluta do Devir	31
O Presente Abstrato	31
Capítulo IV – Lógica e Dialética	32
Uma Gramática do Pensamento	35
O Progresso Circular	36
A Estrutura Triádica	37
O Elemento Especulativo	40
A Negação Sistemática	42
Capítulo V – Crítica Dialética	44
O Erro de Pilatos	44
Uma Matéria Instrumental	46
A Natureza do Pensamento Racional	47
A Chave do Universo	50
O Progresso Como Retorno	55
Notas	56

Capítulo I - Introdução

Falar de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831), o filósofo mais marcante do chamado idealismo lógico ou idealismo alemão, é como penetrar no labirinto de Dédalos. O universo de Hegel é fascinante, não pela sua clareza mas pela sua obscuridade, não pela sua falta de coerência mas pela sua lógica, não pelo seu raciocínio divergente antes pelo convergente, não pela sua ancoragem no concreto mas antes pela sua filiação no abstracto. É uma espécie de mundo onírico lógico onde o mal se concilia com o bem e a guerra e a destruição são um renascimento. O mundo de Hegel possui o encanto da esquizofrenia, com os seus neologismos, as suas ideias delirantes, a sua lógica precisa, a sua desvinculação afectiva. E, no entanto, a sua abordagem conduz-nos a uma nova praia, onde é possível conhecer uma areia fina e ser banhado por um sol triste e prateado. Abordamo-lo porque acreditamos que, embora Chesterton provavelmente possuísse dele apenas um conhecimento residual, a estrutura do pensamento de Hegel é muitíssimo importante para se alcançar tão longe e tão fundo quanto possível a vastidão do pensamento de G K Chesterton. Não é por acaso que dois dos mais profundos analistas do pensamento de Chesterton, Slavoj Zizek e Quentin Lauer, um ateu e um católico, são especialistas em Hegel. O objectivo é analisar o pensamento de Chesterton em face do pensamento de Hegel, num processo a que Hegel chamou, “a consciência de si”.

Hegel é um filósofo obscuro, quase imperscrutável, ambíguo, inteligente, arrogante e orgulhoso, seco e ríspido, que pretende captar a atenção dos seus estudiosos, segundo o princípio da selecção intelectual, uma vez que parte da sua *Fenomenologia do Espírito* mais parece um criptograma, como se a História se reordenasse num aglomerado fantástico, num escárnio sarcástico e paradoxal, criando símbolos e realidades ocultos ao mundo e acessíveis apenas a uma elite de cognoscentes, i.e., aqueles que querem (e conseguem) conhecer. Uma parte desta atitude reside no facto de Hegel ser um crítico da filosofia clara e distinta, uma vez que considerava o negativo tão constitutivo da ontologia como o positivo e, portanto, a clareza conduziria tanto ao conhecimento quanto à tortuosidade e ao artifício. É pelo menos uma posição estranha para um homem que considerava que algo que fosse incomunicável não é conhecimento.

Um exemplo da *Fenomenologia do Espírito*: “Ele é apenas a alternância incessante daqueles momentos, um dos quais, na verdade, é o próprio ser-retornado-a-si-mesmo, mas só como ser-para-si, isto é, como um momento abstracto, que aparece de um lado, em contraste com os outros momentos.” É frequente encontrar comentários à sua escrita, como “terminologia repulsiva”, “extrema obscuridade”, “linguagem abstracta e indecifrável”, “uma crucificação intelectual”. Ficou famosa a afirmação dos seus compatriotas, quando saíram as primeiras traduções, de que o iriam ler em francês para ver se se tornava mais inteligível. Hegel partilha com Schelling e com Kirkegaard (que foi aluno de Schelling) a convicção de que a filosofia só deve estar ao

alcance daqueles preparados que fazem esforço por a alcançar, i.e., uma elite. Como diria Kirkegaard: “A tarefa da descoberta do significado das obras é pois deixada ao leitor, porque a tarefa deve ser tornada difícil, visto que apenas a dificuldade inspira os nobres de espírito”.

Eis o relato de um seu aluno, F. Klüger: “No início eu não me conseguia concentrar, quer devido ao seu modo de falar, quer à forma como desenvolvia o seu raciocínio. Exausto e taciturno, ele sentava-se como se se tivesse desintegrado interiormente. A cabeça inclinava-se para baixo, os seus olhos não nos fitavam; em vez disso, percorriam as páginas dos seus cadernos de apontamentos, de trás para a frente e da frente para trás, num suceder caótico. Tossia e pigarreava, enquanto falava, o que interrompia a fluência do discurso. Cada frase saía com dificuldade, entrecortada e confusa. A eloquência que flui suavemente pressupõe que o orador se sente confiante e confortável com o assunto, mas este homem desenterrava os seus mais poderosos pensamentos do solo mais profundo e com notória dificuldade.”



A VIAGEM

Estudar Hegel é uma oportunidade única de fazer uma viagem a um mundo fantástico, subir para o dorso de uma águia negra e poderosa, de uma asa só, um monismo, e com essa fénix dirigimo-nos ao sol como Ícaro, mergulhar no mais profundo abismo como Orpheu, entrar num mundo de trevas como o de Perséfone, constantemente em mudança como Adónis, sempre com um objectivo bem determinado como Prometeu. Pelo caminho perdemos Eurídice e esquecemos a lição de Perseu, mas o que importa,

se com Hegel a nossa fénix sempre renasce das cinzas? Tal como Teseu, devemos contudo levar connosco o bilhete de regresso: devemos ter a nossa Ariadne. Hegel apenas nos pede que coloquemos uns óculos que nos façam ver essas paisagens, que aceitemos as suas premissas, algumas tautológicas; depois a sua lógica será absolutamente coerente.

Esses óculos mostram que a mentira faz parte da verdade. Que aquilo que se torna algo, não é ainda, e portanto é um não-ser e, então, o não-ser é o mesmo que o ser e o nada é o mesmo que tudo (porque a realidade não é apenas o que é mas o que pode vir a ser). Só se avança pelo progresso para se regressar a um início onde tudo foi determinado. O Estado é a mais alta forma de racionalidade e de liberdade. Deus, o universo e o resto são apenas constituintes de um todo, o Tudo. Deus tem a necessidade de evoluir e de aperfeiçoamento e é essa a razão porque teve que se materializar em Cristo (porque a única coisa imutável não é Deus ou a verdade mas sim o próprio movimento). A História é a evolução do pensamento desse Tudo e tem como objectivo a consciência da liberdade no sentido em que liberdade significa obediência ao Estado. Podemos lutar e inclusive matar para tornar os homens mais racionais. Um senhor (os filósofos nunca são operários) vive mais alienado, i.e., afastado da realidade, do que um escravo. Eu sou a mesma coisa que a minha mãe. A matéria não é mais do que uma invenção da mente (estranha-se no entanto a sua subserviência para com o poder político do Kaiser, se tudo é apenas a fábrica da mente, uma posição de firmeza perante o Kaiser para manter a coerência daria uma maior verosimilhança à elaboração).

Existem sempre homens prontos a venerar a genialidade de um homem famoso por troca com o conteúdo da sua obra ou a sua relação com a verdade. Até homens muito inteligentes, como Hegel, podem estar errados no fundamental.

Desde que Platão repudiou o sentido de humor, parece ser condição intrínseca dos filósofos, com a possível excepção de Kirkegaard, serem secos e árdus ou abstractos e sarcásticos. Hegel era conhecido entre os colegas da faculdade como “o velhote”, devido à sua ausência de sentido de humor, à sua rigidez, ao seu modo de vestir. Mas de modo algum Hegel foi um ser abstracto, uma folha seca, como Kant. Hegel casou e teve filhos, exprimiu emoções fortes para com a sua irmã e a sua mulher, teve uma vida de sacrifício, um reconhecimento limitado e alcançado arduamente. Foi marcado pela tragédia e mergulhou a mente humana numa das mais fantásticas aventuras que a filosofia europeia proporciona. Ele representa bem o tipo europeu: uma vida marcada pelo estudo e pelo esforço, uma preparação extensa, ampla e sistemática, uma pulsão permanente para a acção.



O HOMEM E A CIRCUNSTÂNCIA

Conhecer um homem é conhecer a sua obra, mas como o próprio Hegel afirmaria, conhecer um homem é também conhecer a mente da sua época e, naturalmente, a sua circunstância: “Pretender saltar sobre a sua época é como pretender saltar sobre a própria sombra”, “A filosofia não é mais do que a captação da sua época pelo pensamento”. Não existe, portanto nenhum sistema filosófico válido para todas as épocas.

Hegel nasceu em Stuttgart. Aos três anos aprendeu a ler, aos 5 aprendeu latim, aos 7 entrou para o liceu, aos 8 leu os 18 volumes das obras completas de Shakespeare traduzidas em alemão. Durante o liceu traduziu do grego a *Antígona* de Sófocles, leu o Novo Testamento e a *Ilíada* em grego, bem como Platão, Sócrates, Cícero, Homero e Aristóteles. Leu em alemão a lógica de Wolf e as obras de Kant, Göthe e Schiller. Aprendeu, para além do latim e do grego, hebraico, francês e inglês. Este rapaz alto e franzino que gostava de jogar xadrez e cartas foi um dos maiores intelectuais da história europeia, embora talvez pagando o preço alto de não ter uma infância despreocupada, desocupada e feliz. Licenciado em Tübingen, mudou-se para Berna e depois para Frankfurt onde desenvolveu o seu trabalho sobre doutrina económica e política. Após a licenciatura leu Hobbes, Hume, Leibniz, Locke, Maquiavel, Montesquieu, Rousseau, Espinoza, Shaftesbury, Tucídides e Voltaire. Visitava regularmente Goethe a quem idolatrava: “Quando revejo o trajecto do meu desenvolvimento espiritual, vejo-o aparecer em todo o lado e gostaria de lhe pedir que me considere seu filho. A minha natureza interior recebeu de si o alimento e a força necessários para resistir às abstracções e fixou o seu rumo graças às suas imagens

como se fossem faróis luminosos” - Hegel tinha 55 anos. Kant, Goethe, Espinosa e Rousseau seriam as suas maiores influências; sobretudo o monismo de Espinosa:

Espinosa, tal como Hegel, baseou a sua *Ética* (que é na verdade uma metafísica) num sistema de deduções lógicas euclidianas. Existe uma substância básica, da qual Deus, o universo, a mente e a matéria são apenas meros aspectos ou modos. Acreditava que pelo mero uso da razão se podia chegar à verdade absoluta e não considerava, como Hegel, que o erro estivesse fora da verdade, se lhe opusesse ou a ameaçasse. Esta concepção monista na verdade não era nova: ela remontava a Zenão de Eleia, a Parménides e a Heráclito. Também se encontra em Plotino: “tudo deriva do Um”. É panteísta ou panenteísta e determinista. O monismo divide-se em duas versões, o monismo idealista que afirma que tudo é apenas mente, como Hegel, e o monismo materialista que afirma que tudo é apenas matéria, como Marx.

Os acontecimentos mais marcantes na época de Hegel foram a independência americana (1776); a revolução industrial - primeiro tear mecânico em Inglaterra (1775); a Revolução Francesa (1789), tinha 19 anos, o Reino do Terror (9 Termidor em 1794), Napoleão imperador (1804-1815); os Estados Unidos como país de costa a costa (1831). Hegel era um admirador incondicional da Revolução Francesa: “Nunca, desde que o sol está no céu e os planetas giram em torno dele, se tinha percebido que a existência do homem está centrada na sua cabeça, ou seja, no seu pensamento, que o inspira na construção do mundo da realidade...Nunca até agora o homem tinha reconhecido o princípio de que o pensamento deve governar a realidade espiritual.” A ele se atribui a expressão de que a Idade Média é “uma agitada, longa e terrível noite” que termina com o Renascimento, “esse clarão da aurora que após longas tempestades anuncia a vinda de um dia lindo e ensolarado.”

Esta confiança não esmoreceu quando Napoleão derrotou a Prússia em Iena. No dia anterior a entregar a *Fenomenologia do Espírito* ao editor, em 1807, escreveria: “Eu vi o Imperador – essa alma do mundo – um homem que concentrado numa questão particular, aqui sobre um cavalo, alcança o mundo e o domina.” Quando em 1814 Napoleão foi vencido, Hegel afirmaria que “um génio grandioso foi destruído pela mediocridade.” Decerto se referia àquele tipo de mediocridade que construiu o maior império que a Terra já conheceu, onde o sol nunca se punha, e cuja língua se tornou o veículo mundial de comunicação. Quando a Revolução Francesa “fracassou”, com o emergir do Reino do Terror, Hegel considerou-a “um fracasso glorioso”. No entanto, Hegel considera a Reforma, e não a Revolução Francesa nem o Renascimento, como o acontecimento chave desde o Império Romano, “esse sol que tudo ilumina no dia ensolarado que é a época moderna.”

Foram contemporâneos de Hegel, Schelling, seu amigo, com quem se licenciou em Tübingen e o poeta Hölderlin, seu colega de quarto durante todo o curso, que lhe arranjaría o seu primeiro emprego em Frankfurt como professor particular e que com Hegel tinha o ideal de uma religião popular, a *Volksreligion*, a religião da humanidade:

“monoteísmo da razão e do coração, politeísmo da imaginação e da arte”; “Deus está aqui à nossa mão mas é difícil de apreender”, Höderlin, *Patmos*.



Hegel, o velhote. Tempos de universidade em Tübingen

Em 1803, aos 33 anos, encontrava-se em Jena. Schelling escreveu-lhe a dizer que o seu amigo mútuo Höderlin estava com uma depressão e sem recursos financeiros. Pedia-lhe que o ajudasse financeiramente ou que lhe desse alojamento. Hegel respondeu a Schelling dizendo que Jena não era local para Höderlin e nunca mais o mencionou em toda a sua vida. O deus de Höderlin parecia estar demasiado perto e impor-lhe uma enorme carga. Höderlin colapsa; fechar-se-ia progressivamente em si próprio e acabaria os últimos 30 anos da sua vida como esquizofrênico catatónico, sendo tratado por uma família devota em Tübingen. Hegel referiria: “A minha filosofia inclui o princípio esquizofrênico de auto-divisão, negação, contradição, para obter a reconciliação e harmonia, como propunha Höderlin”. Hegel compreendia o rumo esquizofrênico que a filosofia alemã tinha tomado com Kant: a cisão entre sujeito e objecto efectuava-se dentro do sujeito e a forma em que são descritas as faculdades humanas nas três críticas de Kant não fazem mais do que aprofundar a cisão entre conhecimento e liberdade. Heinrich Heine afirmaria: “o ideal da revolução francesa cumpre-se na filosofia alemã. Kant é o nosso Robespierre”. Kant aplicaria as ciências empíricas às *categorias* (dedução transcendental) – o *idealismo transcendental*; Hegel aplicaria a lógica, a ontologia, a moral e a religião às suas *categorias do ser*, todo o saber humano confinado a um sistema – é o *idealismo absoluto*.

A tragédia e a morte acompanharam Hegel por toda a sua vida, tanto quanto a exaltação e o fervor da mudança. Teve quatro irmãos que morreram pouco após o nascimento, quando Hegel tinha um, quatro, sete e nove anos de vida. Aos 42 anos faleceu o seu irmão mais novo, em combate pelas tropas napoleónicas na campanha russa. Aos 37 anos, em Jena, engravidou a filha do seu senhorio, com quem não tinha a mínima intenção de casar, tendo nascido um filho ilegítimo que se juntaria à família de Hegel mais tarde, por morte de sua mãe. Abandonaria a casa de Hegel um pouco mais tarde, pelos 19 anos, após recusa da família em suportar financeiramente a licenciatura em medicina que ambicionava, tendo falecido aos 24 anos na Indonésia, como voluntário no exército holandês.



DE IENA A BERLIM

De Iena, mudou-se para Bamberg onde foi director de um jornal católico (!), o *Bamberger Zeitung*. De Bamberg mudou-se para Nuremberga e aos 38 anos foi dirigir um liceu que ainda hoje existe em Nuremberga, o *Melanchton Gymnasium*. É aqui que publica, de 1812 a 1816, a *Ciência da Lógica*. A sua condição económica era modesta e todas estas mudanças se destinavam a assegurar a sobrevivência. Do ponto de vista do mundo da filosofia, era praticamente um desconhecido e eram Fichte e Schelling os filósofos mais populares na Alemanha. Casou aos 41 anos com a filha do Presidente da Câmara de Nuremberga, Maria Helena Susanna von Tücker. Deste casamento remediado mas feliz, nasceram uma filha, que morreu pouco após o parto, e dois filhos que seguiram rumos muito diferentes dos de seu pai: um tornou-se professor de história medieval e o outro tornou-se membro do partido ortodoxo (conservador). Após o seu casamento, a sua irmã, viria a desenvolver um profundo ciúme por sua cunhada por alimentar uma fantasia incestuosa pelo irmão e viria a ser internada num asilo psiquiátrico, por doença conversiva ou neurose. Suicidar-se-ia, por afogamento, 3 meses após a morte de Hegel, em 1831. Aos 46 anos (1816) recebe finalmente uma cátedra em Heidelberg e é aqui que publica a sua *Enciclopédia dos Estudos Filosóficos* que trata da filosofia política e da filosofia do direito. Dois anos depois sucederia a Fichte como professor de filosofia em Berlim, onde só em 1820 (2 anos depois) alcançaria uma posição económica mais desafogada.



Hegel foi convidado para Berlim graças aos esforços de um novo ministro da educação, saúde e religião, o barão von Altenstein, muito amigo do influente Wilhelm von Humboldt. Altenstein e Humboldt constituíam com Hegel a chamada *terceira via* e esperavam o seu apoio incondicional. De um lado os conservadores, associados à propriedade da terra e aos baronetes, que encontravam o seu maior apoio no futuro *kaiser* Frederick Wilhem IV e de outro lado encontravam-se os “democratas” que misturavam democracia directa com individualismo, xenofobia com nacionalismo, romantismo com anarquia. Eram românticos e opunham-se à mudança mais racional da universidade. A *terceira via* defendia que a sociedade deveria ser controlada e reformada por cima, a partir de uma elite racionalista simpatizante dos ideais da revolução francesa, constituída por uma elite de nobres e burgueses cultos – era a marca das sociedades secretas jacobinas com quem se manteve sempre em contacto estreito. Foi esse também o eixo de acção de Napoleão. A sua descrição pessoal da *Fenomenologia* atesta o seu carácter iniciático: “é um guia para principiantes”, “uma escada pela qual se pode ascender”, “uma escada helicoidal”, “leva à ciência do conhecimento absoluto”, “são círculos dentro de círculos”, “o iniciado deve estar muito decidido para poder avançar por ela”, “o indivíduo particular tem que percorrer, quanto ao seu conteúdo, o caminho já percorrido pelo espírito”.

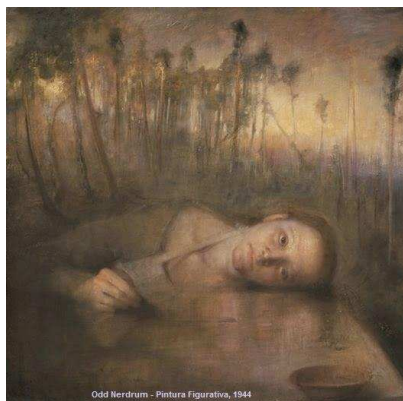
A posição de Hegel em Berlim nunca seria de um poder incontestado, ou sequer de rei da filosofia; por exemplo, nunca entraria para a Academia Real das Ciências devido à oposição de Schleiermacher e Savigny, dois elementos da ala conservadora. Em 1829, aos 59 anos, seria eleito reitor da hoje chamada *Humboldt Universität* em Berlim. Raramente era convidado para a corte; uma dessas raras ocasiões ocorreria em 1831, a convite do príncipe herdeiro, Friedrich Wilhelm. Durante o jantar, o próprio príncipe atacou directamente a filosofia de Hegel, sobretudo a *Filosofia do Direito*, pelo seu carácter republicano e liberal. Como era o seu assistente, Eduard Gans, quem dava as aulas, Hegel afirmou que não tinha conhecimento do conteúdo das aulas da

sua própria cadeira, remetendo a Gans a responsabilidade plena e exclusiva de tal conteúdo. Foi a sua última traição. Morreria de cólera nesse mesmo ano de 1831, apenas dois anos após a sua nomeação para Reitor, durante a noite, e conta-se que terá exclamado: “*Es ist so!*”, “É assim!”. Terá finalmente encontrado...



Seria a utilização do seu trabalho por Marx, substituindo a sua caracterização do absoluto por uma de natureza económica materialista, utilizando a sua noção de trabalho alienado, o mecanicismo histórico, a dialéctica, a necessidade da violência para o progresso, que o tornariam mais conhecido. A sua filosofia também foi utilizada pelos socialistas étnicos e nacionalistas (nazis), nomeadamente a noção de que o povo alemão representava o culminar da evolução histórica, e pelos socialistas internacionalistas (comunistas), nomeadamente a noção de alienação e do valor social do trabalho. A divisão dos seus sucessores entre “hegelianos de direita” e “hegelianos de esquerda” parece, sinceramente, puro artifício, ou a mesma mulher observada com dois vestidos diferentes. A chamada *Escola de Frankfurt*, com Georg Lukács, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Ernst Blöch, etc., representou o renascimento do pensamento de Hegel, qual fénix renascida das cinzas, quer na sua noção de perspectiva histórica, quer pela sua lógica, o método dialéctico.

Capítulo II - A Fenomenologia do Espírito



Conhecida como a *Fenomenologia do Espírito*, a obra mais obscura e fascinante de Hegel deveria chamar-se a *Fenomenologia da Mente*. Isso porque *Geist* quer dizer mente ou espírito e Hegel parece usar por vezes um sentido, por vezes outro; outras vezes um sentido equívoco. Na verdade, Hegel parece querer dizer que a história tem uma mente que a dirige, uma vez que a filosofia não é mais do que o tornar-se ciente do *Geist* no seu papel orientador da história. A história como percurso de uma mente que a dirige. O dever do homem seria tornar-se ciente desse facto e, por meio de tal, ciente de si próprio. Da mesma forma, o Estado como o *Geist* objectivado, a personificação da razão objectiva.

UMA VIAGEM ALUCINANTE

Do ponto de vista prático, é muito mais claro conceber a *Fenomenologia* e a história como uma viagem; uma viagem, uma descoberta, em que se volta ao ponto de partida. A História não é mais do que a viagem da humanidade ao longo do tempo. A viagem de uma procura pelo sentido do que é a humanidade e do seu propósito. A ciência da experiência da própria consciência, *o inteirar-se de si*, a mente que tem como objecto a si mesma, é a *Fenomenologia* – uma viagem helicoidal, descendente, para dentro de nós – o conhecer-se a si próprio. Estas duas viagens, a colectiva e a individual, encontram-se quando o indivíduo, a consciência individual, viaja desde o imediato ou sensível até à ciência sistemática. Por outras palavras, a consciência particular para se inteirar de si vai ter que percorrer o caminho já percorrido pelo espírito, ou seja pela humanidade, i.e., o caminho da História. Por isso, Hegel afirma que a *Fenomenologia* é uma psicologia. Entender o sentido da História é entender o sentido de si próprio.

Hegel vê a História como um registo fóssil, um registo das etapas do pensamento da humanidade. A História não é mais do que uma viagem de reflexão intelectual e de descoberta cognitiva. A viagem termina quando a humanidade toma consciência de si, da sua natureza, da sua identidade. Na verdade este reconhecimento ou retorno, é a descoberta duma natureza que já era mas que se desconhecia. Este caminho percorrido pelo colectivo dos homens ou “pelo espírito” terá que ser também percorrido pela consciência particular, para que alcance o conhecimento absoluto, ou seja, para que constate a sua natureza, o que já era desde o início mas que não conhecia; numa palavra: o retorno.

Hegel diz que tudo o que acontece na História acontece necessariamente, porque a história não é mais do que o progresso do desenvolvimento da mente. Como vimos com Kant, fenomenologia é o estudo do modo como as coisas se nos apresentam, como as percebemos. Logo, a fenomenologia da mente é o estudo de como a mente se nos apresenta, de como percebemos a mente. Como estuda a mente o modo como a própria mente se apresenta perante si mesma?

Hegel responde tratando o conhecimento como um fenómeno. Kant tinha dito que nunca podemos conhecer *a coisa em si*, mas que podemos conhecer os fenómenos. Hegel parece dizer que a própria natureza do conhecimento é dúbia; ou seja, que não podemos conhecer com segurança. Hegel, na verdade, afirma que existem níveis diferentes de conhecimento fenoménico, ele mesmo, até finalmente se tornar conhecimento absoluto, i.e., conhecimento. Tudo o resto são tentativas crescentes de tentar conhecer. Chama a isto *as diferentes formas de consciência* (cap. I a IV).



Para Hegel, conhecer o absoluto, ou o conhecimento real do que verdadeiramente é, é o objectivo da filosofia. Hegel sublinha claramente que não desiste de tentar conhecer, porque se parasse na afirmação de que não é possível conhecer, isso seria uma forma dogmática de conhecimento e teria igualmente que dela duvidar. Aliás, Hegel socorre-se do argumento céptico ao afirmar que ele toma pressupostos: que existe uma diferença entre nós e a realidade, i.e., entre o sujeito e o objecto, que existe uma diferença entre o nosso conhecimento e a realidade, embora o nosso conhecimento seja tratado como algo real (mesmo que seja para afirmar a realidade da sua impossibilidade). Partindo do cepticismo, Hegel mergulha no idealismo, i.e., tudo está dentro da mente.

Na sua tentativa de refutar os empiristas, mas, deve dizer-se, sobretudo Kant, recusa tratar o conhecimento como um instrumento ou um meio de conhecer uma realidade da qual se encontra separado. Hegel afirma que tentar conhecer o instrumento do conhecimento já é uma forma de conhecer, i.e., trata-se de procurar conhecer antes de conhecer. E assim, muito simplesmente Hegel expõe Kant. Por outras palavras: Kant centra no “eu” o sujeito e o objecto e afirma que o único verdadeiro conhecimento

é *a priori*. Dessa forma nunca podemos alcançar um conhecimento verdadeiramente objectivo, no sentido em que só lidamos com fenómenos. Hegel afirma que ao partirmos do “Eu penso em geral” – *Ich denke überhaupt* – nunca poderíamos ter chegado a uma outra conclusão, i.e., o resultado já estava contido na premissa. Pensar é sempre pensar algo, é alteridade. O sujeito implica o objecto, a subjectividade requiere a objectividade. Quando a mente se relaciona apenas com ela mesma, ensimesma-se, torna-se autista. O resultado não é racionalidade, é idiotia. Kant tinha caído numa tautologia.

Para Hegel, a única abordagem do conhecimento é um exame da consciência a partir de dentro, como ela aparece a si mesma, i.e., uma fenomenologia da mente. Hegel dá o exemplo do escolástico que afirmava não se dever aventurar na corrente antes de aprender a nadar, para o refutar e dizer que devemos mergulhar corajosamente na corrente (da consciência) para aprender a nadar.

(O exemplo é infeliz, pois qualquer bom nadador poderia facilmente esclarecer que a corrente seria a condição mais inapropriada para aprender a nadar. Hegel que tinha uma cultura prolífica nunca leu São Tomás).

A humanidade toma consciência da sua própria consciência na idade moderna com a Reforma. Até então tinha andado cega (!). Esta viagem colectiva de auto-reconhecimento só é possível se o próprio sujeito se tornar *auto-consciente-de-si*.

A *Fenomenologia do Espírito* seria assim a história detalhada do processo de treinar e educar a consciência até que ela alcance o nível de ciência. A meta da Fenomenologia seria então a de demonstrar a possibilidade de alcançar o conhecimento genuíno, i.e., o conhecimento real do que verdadeiramente é, ou seja, o ponto em que o conhecimento não é mais compelido a ir além de si. Tal só é possível mediante a construção de um sistema infalível, de outro modo a razão poderia enganar-se.¹

Como é que isto funciona?



UMA FILOSOFIA QUE É UMA PSICOLOGIA

As 14 estações da cruz²

Começamos por ter consciência de uma forma simples de consciência, a que Hegel chama consciência sensível. Mas esta revelar-se-á como uma forma não genuína de conhecimento, pelo que se desdobrará numa outra que por sua vez se revelará inadequada e se desenvolverá noutra, continuando o processo até se alcançar o verdadeiro conhecimento. A esta consciência de uma forma inadequada de conhecimento, Hegel chama a *negação determinada*, que por sua vez é uma forma de conhecimento (se sabemos que um certo conhecimento não é exacto, já sabemos alguma coisa), i.e., uma forma de consciência.

Como funciona a negação determinada, i.e., como sabemos que uma determinada forma de conhecimento ainda não é absoluto?

Peguemos na forma de consciência mais primitiva: a certeza sensível. No seu caminho para descrever o *isto* ou o *agora*, facilmente percebemos que o não podemos descrever sem o recurso a universais, i.e., a certeza sensível não pode ser descrita pela linguagem. Demos um exemplo: se eu digo rosa, utilizo um conceito de que participam inúmeros objectos semelhantes aos que quero descrever, se eu digo "agora" quando é meia noite, esse conhecimento do agora está caduco logo de imediato. Por outro lado, agora também é um universal, pois existem vários "agoras".

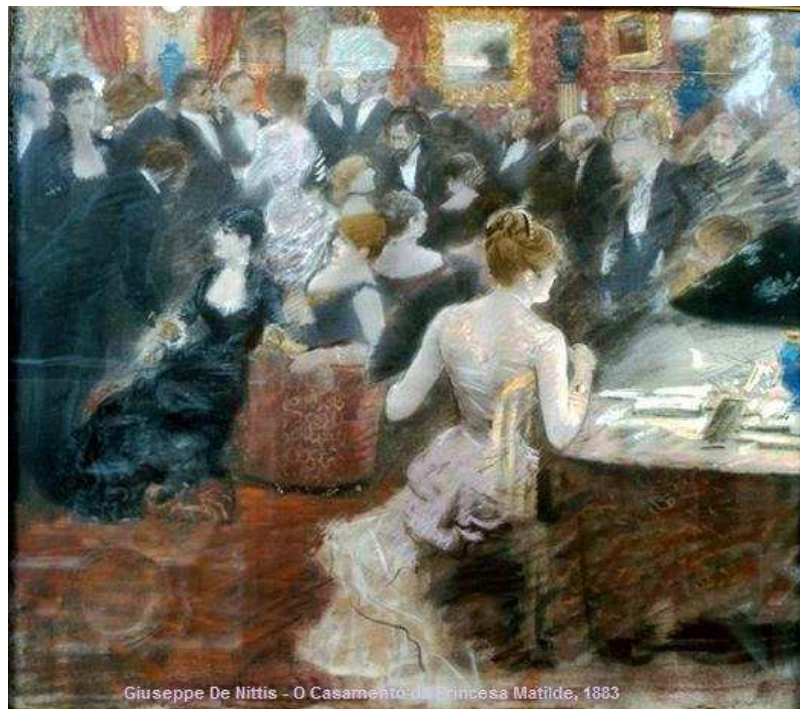
(Este é um ponto crucial, porque elimina a certeza da percepção sensível, contrariamente ao que afirmava o pensamento tomista e será alvo de crítica detalhada. *Rosa* pode referir-se a várias objectos dessa cor, mas como obtive eu o conceito *rosa*? Não foi pela percepção sensível em primeiro lugar? Será que um cego sabe o que é a cor rosa?).

Hegel ultrapassa duas objecções: os nomes particulares e as verdades místicas. Na *Lógica* afirma que os nomes próprios são desprovidos de sentido (!) e sobre as verdades místicas ele admite que existe algo que não pode ser descrito por palavras, mas esse algo, o indizível, "é apenas o não-verdadeiro, o não-racional, o puramente acreditado"(!).

(Como se o conhecimento não fosse todo ele acreditado, necessariamente acreditado com base na razão!).

Para Hegel o que é incomunicável não pode ser conhecimento. Assim se demonstra, a partir de dentro, a inconsistência da realidade sensível, na medida em que os particulares sensíveis necessitam de uma classificação com o recurso a universais, i.e., um esquema conceptual. Esta primeira negação determinada é então uma

primeira forma de conhecimento, que nos projecta para níveis mais altos de consciência.



A CONSCIÊNCIA DE SI

A consciência classifica os objectos segundo as suas propriedades universais, mas, por isso ser inadequado (como vimos), o entendimento impõe as suas próprias leis à realidade. Da mesma forma que falamos de força e gravidade e não as visualizamos, assim também a consciência ao tratar das suas criações, tenta entendê-las. É a *consciência de si latente*.

A auto-consciência é a *consciência de si* a que falta algo: o objecto. Aqui começa a liberdade, pelo desejo de possuir o objecto. A auto-consciência é, contudo, também a consciência de que existem outras auto-consciências individuais. Quando o objecto é outra *consciência de si*, ele transforma-se em obstáculo.

A *consciência de si* influenciou quer marxistas quer existencialistas. Para Hegel, se existisse apenas um homem e nada mais ele nunca teria noção de si. Para ele, a consciência de si precisa de algo com que se comparar; i.e., um objecto externo. Eu só tenho consciência de mim se existir algo que não sou eu. A partir daqui Hegel dá um salto qualitativo: ele assume que se existe algo que não sou eu, eu desenvolvo com esse algo uma relação, um amor-ódio. Para Hegel, esta relação amor-ódio materializa-se sob forma de desejo. Desejar é querer possuir, sem destruir mas despojando o objecto da sua individualidade, da sua oponência, da sua externalidade.

Disse um salto qualitativo, porque se baseia numa premissa muito apreciada pelos marxistas: a verdade nunca pode ser alcançada por contemplação, mas sim agindo no mundo e transformando-o, ou seja, destruindo a sua natureza e reconstruindo-o segundo a realidade operativa daquele que possui: a chamada "unidade de teoria e prática" dos marxistas. Esta noção, de que o ser *consciente-de-si* descobre que para se realizar completamente tem que mudar o mundo externo e torná-lo seu, está inscrita na lápide de Marx: "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de vários modos; a questão porém é mudá-lo."

Mas se suprimimos, englobando, o objecto oponente que serviu para nos identificarmos, como nos identificaremos? Por isso, o desejo é um estado insatisfatório da *consciência-de-si*. Hegel apresenta uma solução obscura no sentido profundo da palavra: o objecto da *consciência-de-si* passa a ser também uma *consciência de si*, e portanto passa não apenas a ser um objecto que deve ser possuído e portanto negado, mas uma *consciência-de-si* que deve ser possuída e portanto negada. O argumento, apesar de obscuro, parece ser sinistro: parece implicar que para a *consciência-de-si* não se requiere um qualquer objecto, mas apenas uma outra *consciência-de-si* pode tornar alguém consciente-de-si. Ou seja, um ser humano não teria consciência de si fora de uma sociedade humana – esta é a base do *idealismo objectivo* ou alemão.



O Senhor e o Escravo

Vamos chamar à *consciência-de-si*, pessoa. Estão em relação duas pessoas. Cada uma delas necessita de reconhecimento da outra. Uma necessidade mútua. Agora Hegel vai dar outro salto qualitativo:

A *consciência-de-si* para atingir o estado mais "puro" não deve estar vinculada a objectos materiais: nem ao seu próprio corpo nem ao corpo da pessoa de quem busca reconhecimento. Portanto, deve-se empreender uma luta de vida ou de morte com a outra pessoa. O combate violento é um processo fundamental e necessário à afirmação de uma pessoa como tal! As pessoas que não arriscaram a sua vida ou que não atentaram contra a vida de outrem, ou não são pessoas de todo, ou, pelo menos, nunca provaram que são pessoas!

Se a humanidade trilha um caminho único, como vão as consciências individuais primeiro separar-se, pela liberdade e desejo de possuir e superar o outro (a outra *consciência de si*) e depois unir-se de novo?

Neste combate mortal, em geral o vencedor poupa o vencido, não por misericórdia mas por necessidade: o vencedor teria acabado com a sua fonte de reconhecimento. O vencedor transforma o vencido em escravo. Assim nunca existe reciprocidade entre quem governa e quem é governado. O escravo trabalha no mundo material para o senhor usufruir. No entanto, o senhor ao considerar o escravo "uma coisa", também fracassa na obtenção do reconhecimento. O escravo, ao trabalhar no mundo material, modifica o mundo, transforma as suas ideias em algo permanente, enquanto que o senhor nada constrói, só usufrui. Assim, o escravo ultrapassa o senhor na medida em que se torna mais consciente-de-si, torna-se mais ciente da sua consciência. No trabalho, mesmo sob uma mente hostil, o escravo descobre que tem uma mente própria. Foi daqui que Marx extraiu a sua concepção do trabalho alienado. Ao passar ao capitalista a realização do seu trabalho, o trabalhador perde a sua essência objectivada, a sua mais-valia.

(Infelizmente para ambos, Hegel e Marx, é pouco provável que o usufruto não torne alguém consciente-de-si. O que é a arte? A filosofia? Se alguém tiver que trabalhar todos os dias como escravo dificilmente encontrará tempo para a filosofia ou para a arte. Quem obtém o reconhecimento na História? É esse homem comum trabalhador ou políticos, filósofos e artistas? Quem modifica mais o mundo?).

(E se a tortura, a sedução, a dependência, o medo, não forem formas de consciência-de-si, porque não se esgota o crime? Quando os artistas entregaram as suas obras aos mecenas perderam notoriedade? Quem deixou o seu nome na História, artistas ou os seus senhores? Frederik Hendrik ou Rembrandt, Frederico Wilhem IV ou Hegel? Foi precisamente a noção errada de mais-valia como resultante apenas de tempo de trabalho para a realização de um bem, ignorando o valor da arte, da inovação e da singularidade, uma das maiores fraquezas da doutrina económica e social de Marx.

É exactamente esse erro que leva Marx a propor a abolição da propriedade privada e a divisão dos seres humanos entre governantes e governados como solução para o trabalho alienado. Quanto à abolição da propriedade privada, Marx retira ao pobre a possibilidade do seu sustento; quanto à divisão entre governantes e governados quer a revolução francesa quer Hegel já haviam demonstrado que se tratava apenas da divinização do Estado como entidade racional objectivada, suprimindo todos os cidadãos que se lhe opusessem. O estado totalitário).

Hegel considera que é o estoicismo que reconcilia o problema do trabalho alienado, na medida em que o estóico, seja senhor seja escravo, encontra a liberdade no seu próprio recolhimento: "No pensar sou livre, porque não estou num outro mas em contacto simples e unicamente comigo mesmo. O objecto que para mim é a minha realidade é a minha própria existência. A essência desta consciência é ser livre, quer no trono quer nas cadeias." Na mente de um homem nenhum tirano pode dominar.

Hegel inicia uma viragem pronunciada para dentro, mas esta ainda não é a etapa final, na medida em que a debilidade do estoicismo resulta de que o pensamento separado do mundo real não tem qualquer conteúdo determinado. As suas ideias são desprovidas de substância concreta. Por isso, a etapa seguinte percorrida pela mente é o cepticismo. Como o cepticismo é contraditório em si mesmo, como vimos anteriormente, uma vez que afirmar não conhecer é uma forma de conhecimento, Hegel passa para a noção de *consciência infeliz* ou *alma alienada* que atribui ao cristianismo.

Na *alma alienada*, o dualismo senhor-escravo concentra-se numa única consciência - o que na verdade se assemelha mais ao que se passa no mundo real, uma vez que ninguém é absolutamente senhor ou absolutamente escravo. A alma foge deste conflito interno almejando ser semelhante a Deus, sendo puramente espiritual. No entanto, a realidade é que ela também se encontra neste mundo material com os seus sofrimentos, desejos e prazeres. Embora este argumento tenha sido usado contra Kant - a ética que coloca o ser humano contra si próprio, contra aquilo que deseja e que é a sua natureza - é agora usado contra o cristianismo, na medida em que este coloca Deus num "além" que está fora do mundo humano (!).



Francisco de Zurbarán - São Francisco em meditação, 1635-39

(Esta é uma concepção mais islâmica ou ariana do que originalmente cristã, uma vez que nesta, embora Deus seja distinto do mundo, ele encontra-se nele presente e nele opera).

Para Hegel, Deus é uma mera projecção da mente humana, um *alter ego*, uma construção mítica. A *alma alienada* não percebe que as qualidades que cultua em Deus são na verdade qualidades dela própria, projectando a sua natureza num ponto para além dela própria, fazendo com que o mundo onde viva pareça miserável e insignificante.

(Esta concepção pessimista é crucial e não poderia ser mais radicalmente oposta à de Chesterton, para quem o mundo é uma coisa maravilhosa e excitante!).

A resposta de Hegel é que só o panteísmo ou um humanismo que considere divina toda a humanidade seria imune à sua concepção de *consciência infeliz* pela miséria do mundo onde vive - resulta claro que o panteísmo de Hegel é uma saída para o seu pessimismo. Quando a *consciência infeliz* entender que os atributos que criou para Deus, são afinal atributos de si própria, torna-se *consciente-de-si*. (Hegel abriu a porta ao ateísmo).

A Razão: Panteísmo, a Mente e a História (Cap. V)

Se a *consciência-de-si* se desenvolve pela acção no mundo modificando-o, pelo conflito, se as mentes humanas se encontram unidas num panteísmo, então a história nada mais é do que o progresso da mente rumo à liberdade, na forma em que Hegel a concebia e que já foi exemplificada. A história não está nem nunca esteve em aberto, ela segue um curso fixo e determinista - tinha que ser assim e nunca poderia ter sido de outro modo! O carácter da Fenomenologia é tão abstrato, tão desprovido de individualidade, tempo ou lugar, que se se tivesse desenvolvido em Nárnia com o Peter Pan, o resultado final seria o mesmo!

Embora a História consista no progresso da consciência da ideia de liberdade (a liberdade racional objectivada no Estado) e a *Fenomenologia* consista no caminho para o conhecimento absoluto, para Hegel liberdade e conhecimento absoluto são inseparáveis. Se a mente é a força propulsora da História, os nossos desejos individuais são um obstáculo, uma areia na engrenagem para alcançar a liberdade. Não a liberdade de agir, mas a liberdade de ter uma mente livre de todas as influências sociais que não sejam emanações dessa mente racional colectiva objectivada no Estado. O homem que obedece ao Estado aceite pelos cidadãos é verdadeiramente livre! O homem que desconfia do Estado ainda não é livre! (De facto, a distância para Locke não poderia ser maior!).

Para Hegel a razão é universal. Tudo o que é um obstáculo à razão é uma limitação à liberdade da mente. O maior obstáculo ao ordenamento racional do mundo resulta de os seres humanos não perceberem que as suas mentes são parte de uma única mente universal. As mentes particulares dos seres humanos individuais estão ligadas, porque partilham a mesma razão universal comum. Se eles não entenderem, os *untermensch*, então é dever dos *übermench* fazê-los entender, usando todos os meios necessários. Com heteronomia no pensar não se alcançará a liberdade!

Da mesma forma como na primeira percepção, a percepção sensível, não se podia definir um "isto" particular, também aqui a mente humana individual, presa de uma concepção de si mesma que não reconhece a razão como inerentemente universal, não pode encontrar a liberdade na escolha racional.

Deste modo entende-se melhor a conexão que existe, para Hegel, entre conhecimento e liberdade: "O deus grego Apolo indica-nos a solução: *homem, conhece-te a ti mesmo*!³ O propósito deste provérbio não é um tipo de conhecimento que visa as particularidades das fraquezas e dos defeitos de alguém: não é o indivíduo particular que é exortado a tomar ciência da sua peculiaridade, mas a humanidade em geral que é convocada a tomar consciência de si mesma."

(Quem leu a epistemologia de Chesterton, compreende porque se insiste no conhecimento de Hegel. O desprezo de Chesterton pelo "Todo", faz dele uma verdadeira *consciência-de-si* relativamente a Hegel e um filósofo *tout court*).

Mas se esta viagem mental, fantástica, atinge os picos da abstracção, como pode Hegel referir que sempre se focou no concreto, que as coisas meramente abstractas não possuem existência e que o mero particular não existe? A solução resulta de duas das suas mais conhecidas afirmações: "Tudo o que é racional é real e tudo o que é real é racional" e "A filosofia não tem outro objecto que não Deus e, por conseguinte, ela é essencialmente uma teologia racional".

Isto significa que a mente de Deus se torna objectivada *apenas* pela sua particularização na mente das suas criaturas materiais finitas. Da mesma forma, as diferentes culturas são diferentes "espíritos" ou mentes colectivas e as diferentes épocas na História não são mais do que a mente universal a tomar "consciência-de-si". (Resulta bastante óbvio que Hegel antecipa as ideias do séc. XIX sobre um progresso histórico linear rumo à civilização, que o verão de 1914 se encarregou de estilhaçar com fragor, deixando a mente humana órfã para sempre das certezas iluministas).⁴

Esta "conceptualização" das características ou estruturas do mundo em si, quer na dimensão da vida subjectiva (idealismo subjectivo ou inglês), quer na dimensão objectiva das características culturais das quais a vida subjectiva apresentaria dependência (idealismo objectivo ou alemão) atribuem ao trabalho de Hegel o título de "realismo conceptual" ou "neo-Aristotelismo". O processo de *consciência-de-si* integrado no processo de *consciência-de-si* ou *auto-melhoramento de Deus*, "a mente absoluta", remetem-no para o idealismo absoluto.

Os existencialistas retiraram de Hegel a ideia de finitude e de dependência cultural e histórica, deixando cair o panteísmo do “absoluto”. Os marxistas tomaram as noções de trabalho alienado, de determinismo histórico, de dialética na acção – a reconstrução do mundo utópico ateu – e de homem novo com legitimidade para “iluminar” se necessário pela violência – as vanguardas iluminadas.



O Conhecimento Absoluto (Cap. VI)

Se a meta da Fenomenologia é o conhecimento absoluto e a meta da História é a consciência da liberdade, como é que o auto-conhecimento é o conhecimento absoluto? Para Hegel esse conhecimento absoluto ou real reside nos nossos pensamentos, na nossa mente. A sua ideia central é a de que a realidade última é a mente, não a matéria. A sua fundamentação assenta na impossibilidade de obter conhecimento de uma realidade objectiva independentemente da mente. Tudo se inicia com a sua negação da certeza sensível, do valor do particular, da inexistência das verdades místicas, do conhecimento intuitivo incomunicável. Então os objectos materiais, não podendo ser conhecidos sem participação da consciência, revelam-se produto da consciência.

(Convenhamos que esta conclusão é um grande salto! É como dizer que como sem consciência não existe dor, não há nenhuma picada de agulha que possa produzir dor).

Portanto, a consciência vê as leis da natureza como leis por si produzidas e a si conformadas e, deste modo, a mente toma-se a si própria como objecto do seu exame. A mente age na natureza modelando os objectos materiais de acordo com o seu padrão. Começando pela tentativa de conhecer como a mente conhece a realidade, concluímos que a realidade é resultado da construção da própria mente.

Se a realidade é apenas uma construção da mente, então podemos ter conhecimento genuíno da realidade. A mente não se encontra separada da realidade, a mente é a realidade. O conhecimento não precisa ir além de si. Conhecer não é um instrumento de apreensão de uma realidade externa; conhecer é ver dentro de si. O conhecimento absoluto alcança-se quando a mente entende que o que ela quer conhecer é ela mesma.

Tudo está na mente e não existe qualquer realidade além dela. Enquanto a mente não entende isso, ela está separada ou alienada. O conhecimento absoluto é a mente conhecendo-se a si mesma como mente.

(A diferença existe entre as palavras "criação" e "reconhecimento". A mente cria a realidade ou reconhece a realidade? Eis a questão. Se a mente cria a realidade e se todas as mentes constituem a realidade, então compreende-se como a história não é mais do que uma construção ou progressão da ideia de liberdade. Liberdade no sentido hegeliano, evidentemente: a submissão absoluta ao Estado).

Capítulo III - Fenomenologia, Uma Crítica Elementar

"Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, - o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. A saúde da alma é a ocupação mais digna do médico. (...) A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas..."

Machado de Assis, O Alienista



Nesta crítica pretende-se expor o sofisma hegeliano, a sua desancoragem da realidade concreta. O caminho que a mente toma quando entregue a si própria. Existe algo no idealismo alemão que lembra a esquizofrenia: a pobreza afectiva, o brilhantismo intelectual (pelo menos nas fases iniciais), uma lógica muito própria, o ensimesmamento, que termina em sofisma ou idiotia, como o próprio Hegel referiu sobre Kant.

O retorno a si

- de Deus: se Deus tem que se "tornar" Deus ou "mais Deus", tomando consciência de si por uma *necessidade* de descer ao concreto, isso significa que Hegel já não está a falar de Deus, por definição, mas de "um outro". Eu posso acreditar que o António Campos não existe, o que não posso dizer é que o António Campos que eu não conheço, é menos António, sendo porventura mais Joaquim. É muito interessante constatar que sendo Hegel oriundo da Reforma, que proíbe toda e qualquer representação de Deus, ele está, nada mais nada menos, a elaborar uma representação de Deus. O Deus de Hegel não é Deus, é uma representação elaborada por Hegel, um mito saído da cabeça de Hegel. É completamente contraditório, tal como o seu próprio pensamento. O Deus de Hegel precisa do

universo como o homem precisa de um corpo, precisa de aperfeiçoar o mundo para se aperfeiçoar a si mesmo, não é eterno e imutável.

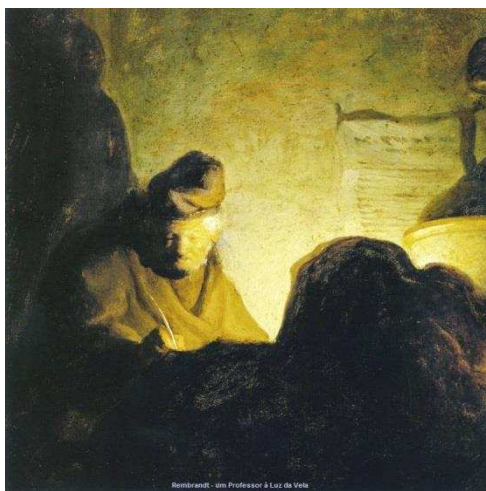
Em *Is 45, 1, 4-6*, afirma-se “Eu sou o Senhor e não há outro; fora de mim não há Deus.” Hegel inventa um ídolo, representa Deus. As imagens de Deus como ancião, como representado no livro de Daniel, *Dan 7, 9-11*, e no Apocalipse de S. João, são muito menos idolátricas, consideradas do ponto de vista de quem não admite representações.

- do Homem: sem dúvida que nenhum homem nasce acabado e que o sentido da vida reside no aperfeiçoamento e no conhecimento, não apenas na arte, na ciência ou na filosofia, mas também na verdade e no bem. Mas é lícito dizer que o homem apenas aprende a constatar o que já era? O homem não toma apenas consciência do que já era, o homem avança no véu do futuro para aquilo que se torna. Aprender não é meramente recordar, a reminiscência, como dizia Platão. Aprender não é *déjà vu*. Aprender é maravilhar-se, é acender a luz, é emocionar-se. Como posso dizer que apenas é recordar o que aprendi quando o meu filho esteve muito doente se antes eu não tinha filho? Como posso estar meramente a recordar quando tomo conhecimento com a morte do meu pai se nunca antes o meu pai tinha morrido? É absurdo.

Um homem não se banha duas vezes na água de um rio

Nem o mesmo homem, nem a mesma água.

Tomemos o exemplo de uma vela que acendemos numa noite de Natal. Passada uma hora, a vela pode ter metade do tamanho e ter algumas alterações na sua forma. Será lícito dizer que não se trata da mesma vela? O homem de ontem é absolutamente contínuo com o homem de hoje. Num mesmo homem coincidem o velho, o adulto, o rapaz e a criança. Nenhum deles é menos humano. Nenhum deles deixa de ser o *mesmo* homem. A água do rio evidentemente nunca será exactamente a mesma. Mas será que a água como substância não mantém basicamente as mesmas propriedades gerais para que possa continuar a ser considerada como água? Em que difere substancialmente a água do rio de ontem da água do rio de hoje? E o rio, não continua ele a ser considerado por todos como o mesmo rio? Não lhe mantemos nós sempre o mesmo nome? O Mississippi muda de nome a todo o momento? O que difere no odor da rosa deste ano com a rosa que cheirei na primavera passada? Será que passou a cheirar a jasmim?



A consciência de si como conflito ou violência sobre o outro

A primeira identificação com o “externo” é com o seu próprio corpo – a criança chupa o dedo, a criança tem fome e ouve o seu choro, a criança tem cólicas – e com a sua mãe – o rosto da mãe é constitutivo. O primeiro e mais importante meio onde se dá a identificação, a família, é em geral um ambiente de cooperação, simbiose e reconhecimento mútuo, não de competição. Conhecer-se a si mesmo certamente não significa tomar posse do outro, englobá-lo.

- O “conhecer-se a si próprio”

A civilização ocidental tem uma tradição mais marcada sobre o conhecimento do “outro” e não de si próprio. Essa é a marca do Oriente. Desde os gregos que existe a maldição de Narciso. Ninguém se conhece devidamente sem levar em conta as opiniões dos outros, embora elas mesmas falíveis. Se conhecer-se a si mesmo significar comparar-se com outro ou com qualquer teoria psicológica ou comportamental elaborada por outrem, a comparação será sempre subjectiva e dependente do “espírito da época”. Nesse aspecto, Hegel estava completamente certo, cada época tem o seu espírito e olha com sobranceria para as épocas que a precederam.

- A Natureza Intuitiva do Referencial Absoluto

É impossível alguém ter consciência de si sem um referencial absoluto: a verdade ou uma ética com conteúdo. Uma verdade relativa ou uma ética meramente formal nunca assegurarão a consciência de si. Se não soubermos claramente o que é bem e mal, como nos veremos? E mesmo se pudéssemos acreditar na verdade, jamais teríamos plena consciência de nós. Conhecer-se a si próprio é como correr atrás da própria sombra. Tentar conhecer-se sem uma ancoragem no absoluto ou sem um referencial externo é como uma sessão espírita: ninguém sabe verdadeiramente a origem do que ali se passa. A opinião dos outros, mesmo dos que não gostam de nós e dos nossos inimigos, será sempre de levar em consideração.

Se eu for objecto do meu próprio sujeito, então sujeito e objecto encontram-se dentro de mim, ensimesmados. Não existe alteridade, eu e o objecto do meu conhecimento, porque ambos estão dentro de mim. O conhecimento obtido desta forma nunca será um conhecimento objectivo; nunca será conhecimento, será mera opinião. Ou eu penso, como Hegel, que todo o universo se encontra dentro de mim, ou então devo reconhecer que não é possível conhecer-me de forma objectiva com base *apenas* nos meus próprios recursos. Imbuído dessa atitude, qualquer tentativa de obter o conhecimento de si está destinada ao fracasso. O indivíduo viverá na ilusão hipnótica do encantamento. Ao tentar conhecer-me *apenas* a partir de mim mesmo eu não estou a ser racional, estou a ser idiota.



Deus nunca nos disse para nos conhecermos a nós próprios (mas para amarmos os outros)

Primeiro amar os outros como nos amamos a nós, i.e., dar graças por sermos o que somos e amar os outros como eles são. Mas depois reforçou: amai-vos como Eu vos amei. Isto significa o paralisado de Cafarnaum, o filho pródigo, o cego e o leproso, a assistência do samaritano ao seu inimigo espancado. Significa pensar nos outros mais do que nós, negar-se a si mesmo, servir. Esta misericórdia, este amor sem limites é tipicamente ocidental. Foi este tipo de atitude de ver “no outro” a si mesmo, de ver nos homens o milhão das máscaras de Deus, que permitiu aos americanos matar a fome a tantos alemães no final da II Guerra Mundial. E foi precisamente a ausência desse reconhecimento que permitiu o holocausto, a carnificina entre americanos e japoneses no Pacífico, as guerras genocidas na Bósnia ou no Ruanda. Quando vale mais reinar no Inferno do que servir no Céu, como dizia Milton, nós observamos esta orgia homicida na Terra.

A incompletude

Se o espírito tem a mesma fonte e sempre retorna, porque não veio ele ainda completar o *Requiem* de Mozart ou as obras de Lizst, a *Suma Teológica* de São Tomás ou os trabalhos de Mark Twain, a *Adoração dos Magos* de Leonardo da Vinci ou o quadro *O Tratado de Paris* de Benjamin West, a *Sinfonia nº 8 em B menor* de Schubert ou *O Mistério de Edwin Drood* de Charles Dickens?

Não deverão existir poucas pessoas ocupadas, com sentido do dever, com “a dialética da acção”, que não sintam que sempre lhes falta um pouco de tempo, que o que realizam tem sempre algo de incompletude. É o tempinho de estudo que falta nos últimos dias antes do exame, é o tempo que falta para dedicar mais aos pais e aos

filhos, é aquilo que ficou por fazer. Esta incompletude, e não a completude, é intrínseca à natureza do mundo e do homem, à própria vida.

O conhecimento que é comum a todos os homens é realmente bastante diminuto. Pensemos que conhecimentos são partilhados por todos os portugueses sem excepção: o mínimo denominador comum é de facto reduzido. Podemos pensar que muitos conhecimentos unem os médicos entre si, mas depois ficamos horrorizados se para tratar um tumor na mama nos enviarem um ortopedista.

Se um homem não é perfeito a sua tentação para o despotismo conterà sempre alguma forma de erro e de corrupção. Pode culminar na blasfémia de se considerar um “enviado de Deus”.

Se o homem não é perfeito a sua tentação da perfeição envolverá sempre um toque de loucura. A consideração de que o homem se pode completar, ou possuir uma visão completa de si próprio, produz loucos dentro de pequenos círculos.

O homem deve aspirar ao que é divino para completar a sua humanidade, mas blasfema quando tenta ele mesmo ser divino. Esta incompletude do homem remete para a existência de Deus.

O Carácter Perene da Matemática, da Razão e da Consciência

Se tudo muda excepto a própria mudança, porque não mudam as constantes matemáticas e os teoremas? Não mudam pela simples razão de que estão fora do tempo. E quanto à razão humana, porque não muda constantemente tornando-se inconfiável ou ininterpretável? Porque embora o homem se encontre dentro de um tempo determinado, a razão humana, quanto ao seu processo de funcionamento, está fora do tempo; são as premissas de que parte que espelham o seu tempo. A natureza do homem é sempre a mesma, a sua condição é que muda.

A mudança, o tempo, não é pois o absoluto. Ele nem sequer é absoluto no sentido físico pois varia com a velocidade da luz. Ao constatarmos que existem coisas que não sofrem a influência do tempo, intuímos que existe uma realidade fora do tempo e da mudança. Quando alguém se vê ao espelho e se apercebe de como está tão velho, essa surpresa, essa perplexidade, essa estranheza, não exprimem idiotia. Essa estranheza remete para uma consciência que está fora do tempo e que se surpreende com as modificações que o tempo imprime numa parte de si, precisamente a sua parte material que está dentro do tempo.



A Sensibilidade Primária não conceptual e a consciência de si como consciência de um outro

Na Fenomenologia Hegel diz que não existe sensibilidade primária não conceptual e que a consciência de si só se encontra quando temos consciência de um outro.

Ambas as premissas são falsas:

1 – Os conceitos obtêm-se por comparação entre propriedades sensíveis e não o inverso. É por uma criança ver quem lhe dá carinho, toque, aconchego e comida, que liga a percepção sensível dessa face, que se repete dia após dia, a um conceito que aprende mais tarde: a mãe. É por uma criança ver a cor do tomate, do sangue, do morango, que a associa mais tarde ao conceito do vermelho. O conceito resulta obviamente da percepção sensível. Um cego de nascença não tem nenhuma condição de descrever ou imaginar visualmente a cor vermelha, que resulta da sensação de uma célula específica presente na retina de pessoas normais, que é excitada pela luz de 625-740 nm, o cone “vermelho”. Tal como um surdo de nascença não pode explicar a diferença entre uma sinfonia e uma peça de jazz. Elaboramos conceitos por comparação a partir das sensações e só desenvolvemos as áreas cerebrais correspondentes após a recepção dos estímulos eléctricos provenientes dos neurónios sensoriais. Em *Gen 2, 19-20*, Deus faz passar os animais perante o homem para que ele lhes atribua nomes. Isto é absolutamente correcto: primeiro vemos, depois conhecemos. É assim a realidade. Tudo começa com a sensibilidade primária.

2 – É falso que se tenha primeiro consciência do outro e só depois consciência de si. Vamos para esta prova usar o trabalho do Professor Abel Salazar (1889-1946) que corrigiu muito oportunamente Descartes: é a consciência do pensar e não o próprio pensar que nos poderá fornecer uma prova da nossa existência. “Eu sei que eu penso”

e não apenas “Eu penso”. Este *eu sei* remete a consciência para uma dimensão misteriosa. Para Abel Salazar a consciência é responsável pela unidade da nossa personalidade e é impossível de analisar porque só é apreendida pelo próprio e é faculdade primordial que não deriva de nenhuma outra mas para onde todas as outras tendem. Foi a neuro-traumatologia e a neuro-fisiologia modernas que nos forneceram pistas adicionais, nomeadamente com António Damásio (*O Sentimento de Si* e *O Livro da Consciência*).

Desde meados do séc. XX que se sabe que o cérebro elabora “imagens” dos objectos apreendidos pelos órgãos dos sentidos. A consciência de si é então a primeira das aquisições da consciência, formando-se desde tenra idade. E contrariamente ao que afirmava Hegel, não num ambiente de competição e conflito, mas geralmente num ambiente de conforto e acolhimento. Hegel apenas parece ter especulado, ou seja imaginado, a partir da vida de adultos e talvez da sua própria vida em meio universitário altamente competitivo.

O nível mais elementar de consciência, o *proto-Eu*, deve-se às imagens cerebrais elaboradas a partir de estímulos oriundos de dentro do nosso próprio corpo – a sensibilidade proprioceptiva. Na criança até aos dois anos de idade a maior parte das imagens cerebrais construídas dizem respeito ao próprio corpo, porque apenas os neurónios do tronco cerebral e do hipotálamo se encontram mielinizados.

O *Eu-nuclear* é elaborado progressivamente a partir dos dois anos à medida que progride a mielinização para as estruturas do córtex, permitindo a elaboração de imagens complexas do mundo exterior por parte do córtex visual, auditivo e tátil. O *Eu-nuclear* é já a plena consciência. E a prova de que a consciência de si não depende da consciência do outro encontra-se em alguns epiléticos, no automatismo epilético, em que o indivíduo tem perfeita consciência do meio que o rodeia mas ignora por completo a sua própria existência. O doente carece do *proto-Eu*. E o nosso *Eu-autobiográfico* fornece-nos por meio dos dados da memória a continuidade espaço-temporal.



O Devir, ou O Tornar-se, como Absoluto

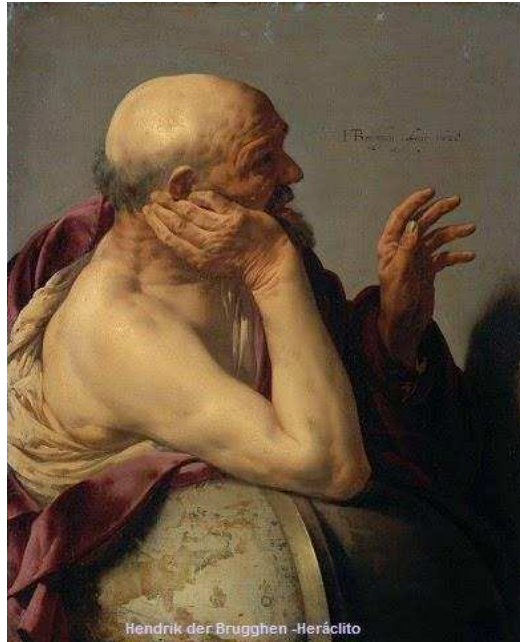
Kant atribui ao conhecimento apenas aquilo que pode ser conhecido por nós, i.e., o verdadeiro, o bom e o belo, nas suas três críticas, mas não o mundo real, “em si”. Hegel discorda afirmando que atribuir a uma forma de conhecimento inadequada, i.e., sensação ou sentir, um poder que se nega a uma forma mais determinada, i.e., a conceptual, é inadequado. Mas o seu esquema conceptual assenta na dialética e a dialética encontra-se *dentro do tempo*, é o devir. E assim ela nunca poderá conduzir a nenhum conhecimento absoluto porque ela tem que ser relativa como o tempo que a determina. Acresce que o próprio Hegel afirmou que a filosofia espelha o seu tempo e o filósofo não pode saltar o tempo.

O Presente abstracto

Para Hegel, o presente é completamente abstracto, não existe. Porque o devir engloba passado, presente e futuro na mesma hélice. A ideia não é completamente fantasiosa. De facto o presente físico é muito difícil de definir, no sentido em que a partição de um momento de tempo é, em princípio, infinita. Mas nós temos uma consciência psicológica do presente que envolve algo do passado, um presente sempre a correr e uma pequena parte do futuro imediato que decorre como acção. Esta jangada de presente é indispensável para pensar e agir. Se eu me esquecesse do meu passado a cada minuto era impossível saber quem sou, aqueles que conheço ou agir no mundo. Será mais correcto dizer que nós temos uma percepção finita de uma realidade infinita. Chesterton dizia que o homem não pode amar coisas mortais, ele só consegue amar coisas imortais por um instante. O nosso Eu-autobiográfico parece corroborar esta tese. Neste sentido existe um aqui e um agora, Hegel não tinha razão. Se não percebêssemos deste modo, i.e., em fragmentos finitos, jamais teríamos a noção de continuidade ou de existência.

Finalmente falta apontar um ponto a Hegel. Ele que tanto “bebeu” em Espinoza negligenciou o que Espinoza disse de fundamental: as emoções e os sentimentos são essenciais aos processos cognitivos. Não é preciso especulação para isto compreender, basta intuição e senso comum. Qualquer aluno ou professor o pode testemunhar; a empatia é fundamental no processo de aquisição de conhecimentos. Aliás, uma parte essencial do relacionamento entre animais e entre o homem e o animal depende deste conhecimento e reconhecimento afectivo. Ele parece mais amplo do que o conhecimento meramente racional.

Capítulo IV - LÓGICA E DIALÉTICA



Dialética ou a arte do diálogo, significa colocar à prova uma tese, por meio da argumentação, por forma a apurar claramente os conceitos em discussão. Para Aristóteles, dialética era a lógica do provável, aquilo que parece aceitável por todos, ou pela maioria, e que no entanto não pode ser demonstrado.

Sócrates viveu no séc. IV a.C., uma época de relativismo moral e de decadência da *polis* grega. Dominavam os sofistas, que pretendiam ser conhecedores do saber universal, comentando todo o tipo de assuntos (como fazem os actuais comentadores de televisão, o oráculo moderno). Sócrates afirmava que nenhum homem poderia saber tudo, só os deuses, portanto um homem deveria apenas pronunciar-se sobre assuntos que de facto conhecesse. Para o apuramento conceptual utilizou a sua dialética que consistia na ironia e na maiêutica. A *ironia* consistia em colocar questões sobre a formulação de um conceito pelo interlocutor, expondo as contradições, a fraqueza ou a imprecisão do conceito. Ao constatar que o conhecimento que tinha do conceito não era adequado, o interlocutor re-elaborava a definição, *parindo* um novo juízo sobre o conceito (*maiêutica*). O objectivo de Sócrates não era impor um ponto de vista mas sim *fazer ver*.

Para Heráclito, a realidade é contraditória, em permanente transformação e os seres não têm estabilidade alguma: “Um homem não se banha duas vezes na mesma água de um rio.” Nem o mesmo homem nem a mesma água.

Hegel retira de Heráclito este conceito da instabilidade do ser - como o ser é multiforme, i.e., homem, animal, planta, pedra, etc., então ele nada é em concreto – e o conceito de movimento circular e permanente mudança (o homem de hoje já não é o homem de ontem). Retira de Platão o conceito de que *apenas as ideias são reais*, enquanto que as coisas concretas percíveis, abandonadas a uma corrente constante de mudança, são irreais, meras aparências. Retira de Kant, como afirma Popper na *Sociedade Aberta e os Seus Inimigos*, o conceito de *a priori*, as ideias existentes na mente como conhecimento absoluto, racional. Desta combinação ideia-real / ideia-razão resultou por triangulação (e Hegel adorava triângulos), o conceito central de real-racional.

Por outras palavras, tudo o que parece racional para aqueles que possuem a razão “na moda” é a pura realidade. O auto-convencimento é equalizado à verdade, a opinião ao conhecimento verdadeiro. Desde que se esteja actualizado com as ideias correntes, i.e., na moda, basta acreditar nessa doutrina dominante e ela torna-se, por definição, a própria verdade. Hegel afirma que o subjectivo, i.e., a opinião ou crença, e o objectivo, i.e., a verdade, se tornam uma identidade e por esta união de opostos acontece o conhecimento científico: “A ideia é a união do subjectivo com o objectivo. A ciência pressupõe que a separação entre si e a verdade se encontra cancelada.”

(A ideologia chegou ao altar da razão...).



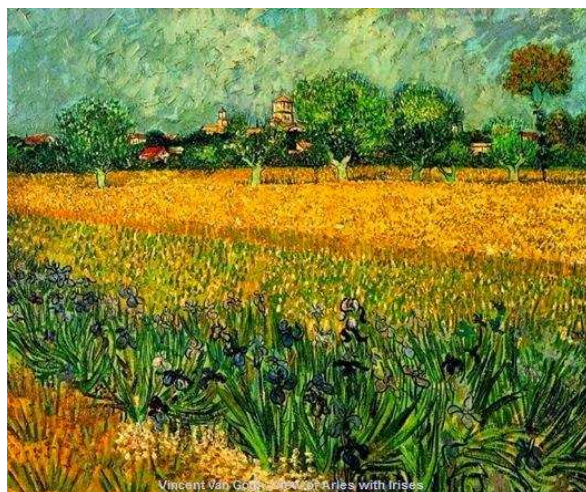
Lógica, logos, estuda o raciocínio válido. Se o objecto é forma e conteúdo, então a lógica (aristotélica) estuda a *forma* do raciocínio verdadeiro independentemente do seu conteúdo. Assume a forma de silogismo: Se a premissa "*tudo o que é a é b*" for verdadeira, então *se x é a, x é b*, independentemente do que for a, b ou x. Na lógica o conteúdo não possui qualquer interesse. Tudo depende da premissa. Devido a essa separação entre forma e conteúdo, a lógica não nos diz nada sobre o mundo real. Contém mais dois princípios fundamentais: a lei da não contradição e a lei do terceiro excluído. A primeira afirma que algo não pode ser simultaneamente verdadeiro e falso; a segunda afirma que uma afirmação não pode ser *nem verdadeira nem falsa*; ou é uma coisa ou outra.

O objectivo da lógica para Hegel é a verdade. E o que é a verdade? Hegel afirmava que não existe realidade fora do pensamento e que existe identidade entre realidade objectiva e pensamento, i.e., são uma mesma coisa. Hegel utiliza esta ideia para negar essa distinção entre forma e conteúdo: se a lógica estuda o pensamento, ela estuda a realidade, "*se ainda se quiser empregar a palavra matéria, o conteúdo da lógica é a verdadeira matéria. É a verdade, tal como ela é. Este conteúdo mostra Deus tal como ele é em sua essência eterna, antes da criação da natureza e de uma mente finita*".

Este argumento tem por objectivo atacar a ideia de que a verdade ou a realidade se encontra no mundo concreto das pessoas e na natureza externa. A verdade encontra-se no pensamento racional. A lógica é, portanto, o estudo dessa realidade última na sua forma pura, abstraída de formas particulares. Como a mente molda o mundo, o estudo da mente informa sobre o modo como o mundo foi criado, i.e., torna completamente cognoscível a essência eterna de Deus antes da criação.

Trata-se de uma lógica com conteúdo "transcendental" mas não no sentido kantiano. Para Kant, a lógica transcendental (as categorias lógicas) era característica dos intelectos finitos discursivos, deixando a possibilidade da existência de um tipo de lógica acessível ao conhecimento intuitivo que seria atributo exclusivo de um intelecto infinito criador (Deus). Hegel oscila entre a noção de um intelecto humano como reflexo de um intelecto divino – uma correia de transmissão - ou a da inexistência pura e simples de um tipo de intelecto diferente do humano. Ou o intelecto humano exprime a vontade do intelecto divino, sem autodeterminação (deísmo), ou não existe nenhum intelecto divino (ateísmo).

Uma Gramática do Pensamento



Na lógica de Hegel o pensamento encontra-se dobrado sobre si próprio, ensimesmado. Distancia-se do mundo externo, não o tenta compreender, pois considera-o um produto de si próprio. O pensamento versa apenas sobre categorias lógicas nas quais se vai encaixar o mundo e toda a realidade, porque Hegel pensava que se tratasse de compreender o mundo como uma realidade parcial, externa, a razão o enganaria. Hegel chama a este estado “dedutivo” da lógica, algo que salta à vista, algo como a gramática, uma espécie de código evidente.

Não se trata de uma lógica formal ou geral mas sim daquilo a que Kant chamou a *lógica transcendental* – a dedução das categorias – na Crítica da Razão Pura. O próprio Kant acreditava ser evidente ao julgamento empírico de qualquer um dos intelectos discursivos, i.e., acessíveis, evidentes e aceitáveis por todos os homens. Como se trata de uma lógica de conteúdos é uma ontologia: o tudo e o nada, o ser e o tornar-se, a essência e a ideia, o uno e o múltiplo, a substância e o acidente, a forma e o conteúdo, o sujeito e o objecto, a mudança e a perenidade, a realidade e a potencialidade, a essência e a aparência, a matéria e o espírito.

O Que Significa Então Conhecer?

O Progresso Circular Rumo à Perfeição ou ao Absoluto

O objectivo da *Lógica* é claro: demonstrar a necessidade do idealismo absoluto. A lógica lida com conceitos enquanto que a *Fenomenologia* lida com a consciência: "somente a ideia absoluta é ser, é vida imperecível, a verdade que se conhece a si mesma, a verdade inteira". O que é a ideia absoluta? Tudo! Todos os particulares fazem parte deste geral. A sua auto-compreensão é o Estado na *Filosofia do Direito*; é a consciência na *Fenomenologia* (o panteísmo, nós-a-natureza-deus, para evitar a *alma alienada*, a consciência infeliz), é a ideia (conceito) na *Ciência da Lógica*.

A lógica hegeliana não tem como objecto as formas de pensamento (conceito, juízo, silogismo) mas a estrutura real imanente às próprias coisas, i.e., o que elas são e o que serão. Hegel chama a isto "o conceito das coisas", "a alma dialética" ou o seu "interno logos". A lógica hegeliana é não somente uma ontologia mas a mais ampla doutrina de categorias elaborada após Aristóteles (uma coisa e o que ela vai ser são a mesma coisa). O pensamento e a verdadeira natureza das coisas seriam, assim, uma mesma realidade. Só a totalidade é real. Tudo o que é parcial não é completamente verdadeiro. Todos os momentos são constitutivos, não são meras etapas ou fases: "Unidade na totalidade".

Para se entender este sistema tem que se levar em conta que, para Hegel, a realidade é espírito infinito e o espírito "move-se" pela dialética. O espírito desce sempre ao concreto para regressar ao infinito numa espiral triádica: o *ser em-si*, o *ser-outro* ou *fora-de-si*, o retorno a si ou o *ser-em-si-e-por-si*. Este movimento do espírito abre "lugar" a três manifestações na realidade: A *Ideia* em si ou *logos* ou racionalidade pura que é objecto da *Lógica*; a *Natureza* que é a ideia fora de si, alienada, que é objecto da *Filosofia da Natureza*; o *Espírito* em geral que é esta ideia alienada que retorna a si e se torna *em-si* e *por-si*, que é objecto da *Fenomenologia* ou *Filosofia do Espírito*. Tudo é o desenvolvimento da ideia por meio da sua negação e superação, pelo uso exclusivo da razão. A realidade é o desenvolver da ideia: "**Tudo o que é racional é real e tudo o que é real é racional**".

Tomado em si mesmo, o finito tem existência puramente "ideal" ou abstrata, no sentido de que não existe por si só, contra o infinito ou fora dele - e isso, diz Hegel, constitui "a proposição principal de toda filosofia". O espírito infinito hegeliano é então como o círculo, no qual principio e fim coincidem de modo dinâmico, ou seja, como movimento em espiral no qual o particular é sempre posto e sempre resumido dinamicamente no universal; o ser é sempre resumido no *dever ser* e o real é sempre resumido no racional.¹

A Estrutura Triádica



O método de alcançar o conhecimento é o método dialético que tanto fascinou Marx.

A lógica tem uma estrutura triádica como defendido por Fichte, tese – antítese – síntese, mas a sua força interna é a negação. Contrariamente ao que acontece na lógica clássica, a contradição não implica a paragem do processo lógico, mas apenas a busca de uma conciliação, integração e superação, para elaborar uma nova tese que irá sofrer o mesmo processo. Kant definira dois tipos de lógica: a lógica analítica e a lógica dialética. A primeira concentra-se nos dados dos sentidos e produz o conhecimento do mundo fenoménico; a segunda independe da experiência e afirma erroneamente (para Kant) que se podem conhecer as coisas *em si* – é a intuição.

Hegel não concorda:

1 – A lógica analítica é do domínio das ciências da natureza e do empirismo, não da filosofia.

2 – A lógica dialética não trata com o transcendente ou com uma realidade abstracta, mas antes com a sua manifestação concreta, se bem que multiforme, como *totalidade*, e pode proporcionar *conhecimento verdadeiro*.

Concluindo: *o espírito tem que ter manifestação concreta* senão não existe e *o finito não tem existência senão puramente abstracta*, enquanto ideia, enquanto manifestação do espírito – fechou-se o círculo. Só será espiral e não círculo porque Hegel afirma que após a “materialização concreta” o espírito retorna a si superado, mas para efeitos práticos trata-se do mesmo.

Kant não tinha ido tão longe no materialismo, na necessidade de manifestação material para que algo seja considerado real, e muito menos nunca foi ao ponto de

afirmar que *Bem* e *Mal* são meros modos e que verdade e mentira são manifestações não mutuamente exclusivas. Kant não sabia o que era *a coisa em si*, o *númeno*, e não sabia como o mal radical tinha vindo até nós. Fichte resolveu a coisa em si: *a coisa em si não existe*; Hegel resolveu o Mal radical: *o mal não existe fora de nós, não tem existência autónoma e temos que superar o bem e o mal* (esta ideia erradamente atribuída originalmente a Nietzsche é, em verdade, de Hegel).



A Estrutura Triádica - A Negação

As categorias lógicas como o ser, o devir, o uno, o múltiplo, a essência, a existência, a causa, o efeito, o particular, o universal, o mecanismo, a vida, são examinadas e colocadas a descoberto as suas contradições internas, processo a que Hegel chama a negação. Neste processo de negação sistemática, a lógica passa de estática e conceptual a dinâmica e adaptável, definindo uma nova realidade cuja finalidade última é conduzir-nos à totalidade. Para Hegel, *A* não é necessariamente igual a *A* e *A* não é necessariamente diferente do que *não é A*. Os limites precisos são apagados.

O ser, como o da criança é, para Hegel, vazio. Ainda mais vazio que a tábua rasa de Locke. É o "em-si", vazio, abstrato ou indeterminado. É a premissa! Para quem a aceite como válida, é a tese. Como vimos, tomar consciência de si é confrontar-se com o outro, é a alienação, o sair de si para o mundo, para o Outro, o estranho. É o "por-si", a antítese. Mas o sair de si favorece, como vimos, a consciência de si, o regresso a si, o reencontro. É o "em-e-por-si", a síntese. Esta transforma-se em tese e reinicia o processo da consciência de si. O processo dialético obedece não a uma afirmação mas a sucessivas negações.

No primeiro momento encontra-se a *tese* que mais não é do que a elaboração pelo intelecto do conceito que ele presume estável. O segundo movimento é a *antítese* que mais não é do que a exposição das contradições internas contidas no conceito elaborado pelo intelecto. Esta *negação* é o núcleo central da dialética, a sua mola propulsora. A *síntese* constitui o *momento especulativo*, i.e., a razão capta a unidade da contradição e avança com esta síntese de opostos para uma nova totalidade concreta. É a afirmação (positivação) pela negação da negação contida na antítese e a sua elevação a um nível mais alto. A negação não vai significar aniquilamento como na lógica aristotélica, mas sim elevação e “enverdadeiramento”. Este elemento *especulativo* é a marca da lógica de Hegel.

Aufhebung ou Superação (revogação)

A lógica de Aristóteles trata de entidades individuais diferentes que se orientam num esquema dedutivo: se $a=b$ e $b=c$, então $a=c$. É uma lógica estática. Hegel pensa sempre em termos de totalidade como produto dinâmico, i.e., uma totalidade que preserva o que supera como numa espiral. É uma lógica não mecânica ou orgânica. A este acto de juntar e preservar, Hegel chamou-lhe *superação* ou *revogação*. Para que algo suceda tudo tem que estar no devido lugar. É como se o passado fosse constitutivo, mas ultrapassado pela união de sucessivos opostos ou contraditórios.

"Aqui é o lugar oportuno para recordar o duplo significado da nossa expressão alemã *aufheben* (superar). Por um lado, *aufheben* quer dizer tirar, negar; nesse sentido, por exemplo, dizemos que urna lei, urna instituição etc., são suprimidas, superadas (*aufgehoben*). Por outro lado, porém, *aufheben* significa também conservar; e, nesse sentido, dizemos que algo está bem conservado através da expressão *wohl aufgehoben*. Essa ambivalência do uso linguístico do termo, pelo qual a mesma palavra tem sentido negativo e positivo, não deve ser considerada casual, nem devemos fazer disso motivo de acusação contra a linguagem, como se ela fosse causa de confusão; pelo contrário, nessa ambivalência se reconhece o espírito especulativo da nossa língua, que vai além da simples alternativa 'ou-ou' própria do intelecto".

(Parece pacífico, certo? Basta pensar na união de cada uma das hélices do DNA e ver como toda aquela dupla hélice em espiral é constitutiva...Não! Está errado. Muito errado! A hélice de DNA não une opostos mas complementares. Complementar significa ser parte de uma realidade, como o olho e o ouvido são partes do corpo

humano, como a mulher e o homem são partes da natureza humana, como a chave e a ranhura são membros da fechadura. Não são opostos. Falaremos mais desenvolvidamente sobre esta noção quando fizermos a crítica de Hegel).



O Elemento Especulativo

O momento do "especulativo" é a reafirmação do positivo que se realiza mediante a negação do negativo próprio das antíteses dialéticas e, portanto, é a elevação do positivo das teses a um plano mais elevado. Se, por exemplo, tomarmos o puro estado de inocência, este representa um momento (tese) que o intelecto cristaliza em si e ao qual contrapõe, como antítese, o conhecimento e a consciência do mal, que é a negação do estado de inocência (a sua antítese); ora, a virtude é exactamente a negação do negativo da antítese (o mal) e a recuperação do positivo da inocência num nível mais elevado, que se tornou possível passando-se através da negação da rigidez que lhe era própria e, portanto, passando através da antítese, que desse modo adquire valor positivo, à medida que leva a tirar aquela rigidez. O momento especulativo, portanto, é o "superar" no sentido de que é ao mesmo tempo o "tirar-e-conservar".

(Portanto, a inocência, i.e., a criança, é um intelecto cristalizado; para se aceder à virtude existe necessidade do mal, pelo que o mal é constitutivo do bem superior, da virtude. Isto é quase o mesmo que dizer que para se tornar um adulto decente alguém tem primeiro que abusar de uma criança – a tal necessidade de violência sobre o outro no processo de identificação. O mínimo que se pode dizer é que esta maneira de pensar é repugnante, doentia!).

O momento "especulativo" ou "positivamente racional" é o que capta a unidade das determinações contrapostas, ou seja, o positivo emergente da resolução dos opostos (a síntese dos opostos). Escreve Hegel: "No seu verdadeiro sentido, o elemento especulativo é aquilo que contém em si como superadas aquelas oposições nas quais se detém o intelecto (e, portanto, *também a oposição entre subjectivo e objectivo*), e justamente dessa forma mostra-se como concreto e como totalidade". A dialética, assim como a realidade em geral e, portanto, o verdadeiro, é esse movimento circular que descrevemos e que jamais tem repouso. A distinção entre sujeito e objecto é também superada porque a história da revelação do absoluto dá-se como processo de auto-conhecimento do próprio absoluto:

“Tudo o que é real é racional e tudo o que é racional é real.”²

“A eterna vida de Deus é encontrar-se a si mesmo, tomar consciência de si mesmo. Para isso *tem que* se desencontrar ou alienar para regressar sobre si mesmo. Voltando sobre si mesmo alcança a liberdade. Esta continuidade temporal não deve ser concebida como uma linha recta mas como um círculo que retorna a si mesmo. O círculo tem por circunferência uma grande quantidade de círculos internos, uns dentro de outros. Cada espírito regressa sobre si mesmo; (cada espírito é um círculo).”



A Negação Sistemática – Os Três Tipos de Contradição

Trata-se nos três livros da *Ciência da Lógica* (cada um com três secções e cada secção com três capítulos – a estrutura triplamente triádica):

1 – **Primeiro livro: O Ser.** O Ser e o Nada, a quantidade e a qualidade. A repetição dos movimentos da *Fenomenologia*, mas tendo como objecto não a consciência mas o pensamento.

"O ser é o mesmo que o não ser, porque tudo é, numa diferença multiforme e, portanto, nada é em concreto. A única realidade não é o ser mas o devir. O que não era ser logo se transformou em ser e o que era ser logo deixou de ser. O que não era agora é; o não-ser passou a ser. O que era deixou de ser: o ser passou a não ser. Assim se demonstra a identidade entre ambos. Desta dialética entre o ser e o nada, a conclusão é a de que *o real é não apenas o que é mas também o que pode chegar a ser, o tornar-se*. A realidade é não apenas o real mas também o possível. Do nada surge o ser e este regressa ao nada. Esta eterna circulação é a dialética do processo da vida, a dupla negação: *ser-não ser*, primeira negação; *não-ser-ser resultante do devir*, segunda negação. Se do nada surge algo é porque esse algo já estava contido no nada. Portanto, o nada é. O nada é o que pode chegar a ser e todavia não é. O ser é absoluto e o nada é relativo (está contido no ser, não é o seu oposto perfeito). É relativo a ser: o nada é! É a possibilidade abstracta e inconsciente. Só o que é racional pode ser consciente de si. Embora um embrião seja um ser humano, não o é para si. O homem é busca: busca-se a si mesmo. O homem deve chegar a ser para si o que é em si."

(Isto é o mesmo que afirmar que por uma rosa, um tomate ou o sangue serem vermelhos, o vermelho não existe! Ou que é igual ao incolor. A resposta adequada para esta questão é antes a da *analogia do ser*, i.e., o que há de comum no centro mais interno de todas as coisas. Ou que a água por poder ser sólido branco, líquido incolor ou gás, não existe, apenas existe enquanto mudança. O ser é um acontecimento, o devir é o processo, a transformação).

2 – **Segundo Livro: A Doutrina da Essência.** A Essência e a Aparência. Os opostos implicam-se: o interno e o externo. Definir um é definir o outro. Ideias fundamentais: as essências replicam-se, por isso o que não é pode chegar a ser (continuamos à espera de sereias e unicórnios) até se chegar ao espírito absoluto. O absoluto não se pode representar; a realidade não é apreendida por representação. Detenhamo-nos nesta última:

Se a realidade resulta da materialização do espírito para o retorno à ideia aperfeiçoada, pensamento ou espírito, a realidade é conhecida em si mesma pois ela nada mais é do que o devir ou o progresso do próprio pensamento. A realidade é a

ideia e a ideia é a realidade. Não existe conhecimento fenoménico, como afirmara Kant, não existe conhecer por comparação e dedução, não existe uma forma mais perfeita de conhecer como afirmara Paulo de Tarso; em suma não existe a apreensão como aparência de uma realidade externa aos sentidos ou essência, não existe o conhecimento discursivo (o processo discursivo é apenas dialético e é uma mera etapa), o verdadeiro conhecimento é intuitivo. O homem intui uma realidade que lhe é intrínseca e à qual é ele próprio intrínseco. São os círculos dentro de círculos.

Hegel partilha com Aristóteles a ideia de que as essências são as próprias coisas no fluxo do devir, contrariamente à ideia de Platão de que as essências precedem as coisas mesmas e que só a existência as torna reais.

3 – Terceiro Livro: A Doutrina do Conceito: a particularidade e a universalidade. A identidade. Toda a realidade parcial não é realidade. É o tipo de contradição mais abstracto. A individualidade resulta de características que são únicas ou particulares, de características partilhadas ou universais, de um emaranhado de influências e relações.

O julgamento sobre o que é um conceito. Contra Kant, Hegel não admite um *númeno* desprovido de conteúdo contra um *fenómeno* concreto, mas sim a realidade dentro da própria mente conhecedora. As antinomias de Kant quanto ao conhecimento não científico, i.e., como dizia Raskolnikov, *a um argumento pode opor-se sempre outro argumento*, estão resolvidas em Hegel: a realidade é ela própria “antinomínica”, i.e., contraditória.

O conhecimento não é mais do que um processo de produção de imagens – representação – até à verdade *ela mesma* (como exposto na *Fenomenologia*). E o que é a verdade? A verdade é o pensamento puro, o pensamento que se pensa a si mesmo. Não se pode representar com imagens.

As repercussões da filosofia hegeliana foram enormes, directa ou indirectamente, na sociedade moderna: o *tudo é relativo* para o relativismo, o *tudo é contraditório* para a teoria psicanalítica, o *tudo é mudança e progresso* para o evolucionismo. A nossa sociedade está ainda na sombra de Hegel e de Marx, no desprezo pelo particular, pelo homem concreto, na visualização do Estado – agora o Estado transnacional – como entidade máxima objectiva, no antropocentrismo, na crença num progresso virtuoso, no apagamento das fronteiras éticas, na manipulação da linguagem esvaziando-a do seu valor significante relativamente ao significado absoluto, como a verdade, a bondade ou a moral. O mesmo se pode dizer da sua concepção do ser. Miguel de Unamuno definiu bem a resolução do dilema: “Todo o panteísmo é apenas um ateísmo mal disfarçado e às vezes nem isso”. *Unamuno, O Sentimento Trágico da Vida*.

Capítulo V - Crítica Dialética



A dialética hegeliana como sistema, pode ser criticada quanto ao conteúdo e quanto à forma.

Quanto ao conteúdo, estamos perante uma ontologia que assume que a única realidade é a mudança, não a verdade, que as coisas são meras ilusões porque se estão sempre a modificar, que a potencialidade é mais autêntica do que a realidade (porque esta está sempre em mudança), que o homem concreto, tal como as coisas concretas são meras ilusões ou abstrações, que o espírito não tem uma diferente natureza da matéria, nem a matéria tem autonomia face à mente, nem a mente é diferente na sua natureza do espírito.

Quanto à forma, a dialética assenta num raciocínio que aparentemente avança em triangulações sucessivas de contraditórios que não descarta, mas cujo avanço e forma são apenas aparentes, uma vez que o avanço consiste num retorno ou reconhecimento, nunca numa renovação, e a forma consiste num círculo.

O Erro de Pilatos

Talvez uma das mais importantes demonstrações da necessidade da dialética no sentido socrático, i.e., o apuramento ou clarificação conceptual, esteja inscrito numa histórica interpelação:

“*Quid est Veritas* (O que é a verdade)?”, a questão contraditória em si mesma. A verdade, veritãte, por definição, significa a realidade, a conformidade das coisas com aquilo que a mente pensa delas, o conhecimento certo e inquestionável. Conformidade entre o pensamento (ou a sua expressão) e o objecto do pensamento. Pressupõe que a realidade existe, que a existência é o tiro de saída do universo. Que a vida existe,

que não é mera ilusão. Se admitirmos que não existe possibilidade de encontrar a verdade nas coisas, se a realidade for imperceptível ou incomunicável, não existe diálogo, porque as palavras nada significam. A pergunta de Pilatos esconde uma afirmação e uma crença, tão actual no seu tempo cosmopolita e civilizado como no nosso: “A verdade não existe. Esta é a verdade!” Contraditório...voltamos a Hegel1.

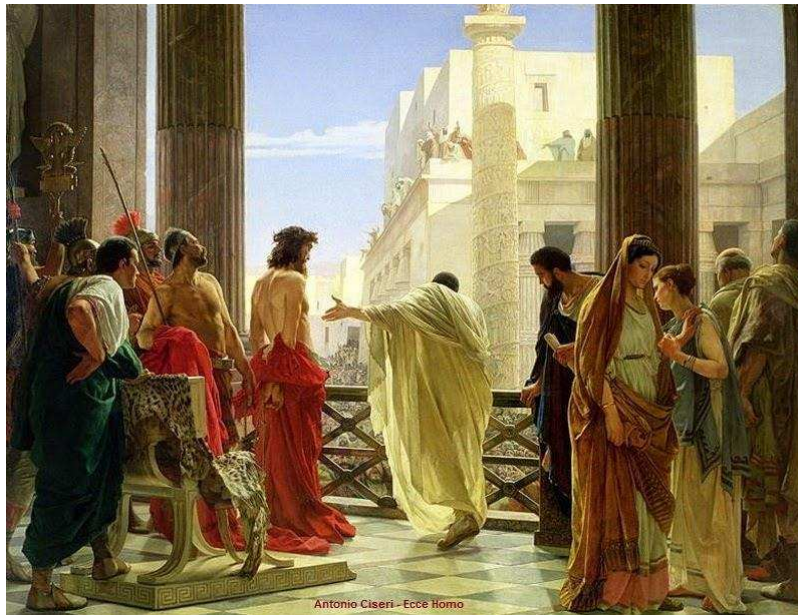
Deve dizer-se que Hegel nunca pretendeu conduzir alguém à clareza conceptual, justamente porque ele próprio via virtudes na obscuridade. Além disso jamais se poderá considerar que pela junção de opostos, por exemplo a verdade e a falsidade, se possa clarificar seja o que for. Colocar sujo no limpo jamais poderá originar brancura. A lei da não contradição é um princípio basilar do pensamento racional2. Não se pode dizer que Hegel fosse irracional, portanto o que se pode concluir é que Hegel ao falar de lógica está na verdade a falar de ontologia, i.e., do desenvolvimento natural e cultural que faz as coisas serem o que são... até o pensamento filosófico. Todavia, parece encontrar-se na filosofia de Hegel muito daquilo a que hoje se chama “*wishful thinking*”.

O erro assume duas versões básicas:

– ***O conhecimento da verdade, mas a comunicação de algo não conforme com ela:*** a mentira. É a ocultação. Os sofistas actuais esconderam a mentira debaixo de um neologismo: “inverdade”. Estas coisas acontecem quando se é ignorante ou presunçoso e não se tem vergonha na cara.

– O conhecimento de algo que não é conforme à realidade das coisas, que é questionável, mas que ***o indivíduo crê firmemente ou deseja fervorosamente tratar-se da realidade e comunica-o como tal.*** É um engano nos sentidos ou na mente (no processo de pensamento) que conduz a erro de percepção da realidade. É a ilusão.

– **Se, como afirmava Hegel, a verdade e a mentira são momentos e não afirmações de certeza, como acreditar que as afirmações de Hegel são a verdade?** Trata-se de uma impossibilidade, do mero acreditado, como dizia o próprio Hegel, de um não conhecimento. À “luz” de Hegel, é igualmente válido afirmar que Hegel foi um grande filósofo, como afirmar que foi um psicopata, um charlatão, um mentiroso, um dogmático, ou que nem sequer existiu. A menos que concluamos que para Hegel, como princípio de delimitação da acção, não exista uma moral prévia, mas um modo de se fazer aquilo que se quer fazer (os meus objectivos ditam a minha moral). Hegel nunca se livrará do rótulo totalitário; a sua árvore produziu o fruto dogmático, socialista e nacional-socialista.



Uma matéria instrumental

Resulta bastante evidente que a dialética como sistema hegeliano já estava presente na Fenomenologia, escrita 6 anos antes do primeiro dos três livros da Dialética. Também é evidente a sua estrutura gnóstica ou cabalística: raciocínio triádico circular ou helicoidal, exposto em três livros, cada um com três secções, cada secção com três capítulos. Mas o mais importante aspecto é que o sistema de Hegel resulta na compartimentação do infinito como finito, do espírito como matéria, pois nada há de abstracto que não seja concreto. Hegel nega a natureza distinta entre o espírito e a matéria, vendo esta apenas como “materialização” do espírito, sem existência autónoma. Ao confundir propositadamente mente com espírito, usando-os indistintamente, Hegel apaga a própria possibilidade de caracterizar as premissas. A existência individual de cada homem é uma mera ilusão ou uma abstracção. A ideia de Shelling (e de Kant) da impossibilidade de definir precisamente o infinito, foi denominada por Hegel como “a noite escura de Schelling onde todas as vacas são negras”, o que motivaria a ruptura entre os dois homens.

Matéria finita versus Espírito infinito

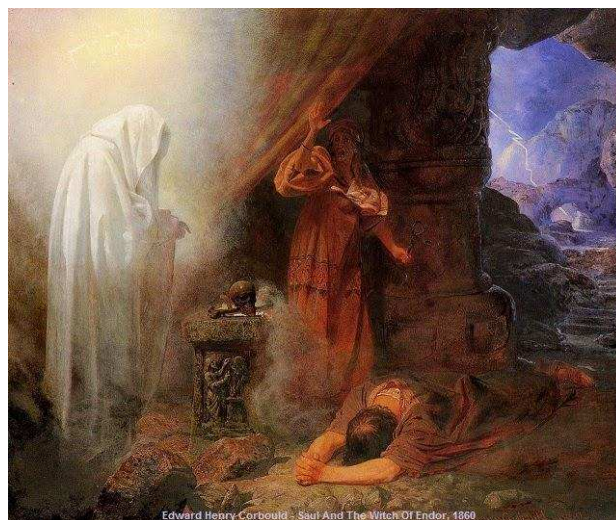
Nós sabemos que a matéria é finita. A massa total do universo é da ordem de 2×10^{52} a 10^{54} Kg. Equivalê-la ao espírito é sem dúvida um materialismo. Não é portanto de surpreender a remoção do conteúdo lectivo de Hegel da Universidade de Berlim logo após a sua morte, sob a acusação de panlogicismo, i.e., ateísmo. Nem é de surpreender que ainda hoje os seus seguidores oscilem entre uma metafísica

panteísta e um materialismo pós-kantiano ateu tout court. Aliás, o próprio Hegel parece ter evoluído de uma concepção mais panteísta na fase mais precoce da sua vida, i.e., a Fenomenologia, para uma concepção mais ateísta, i.e., a Dialética e a Filosofia do Direito. A sua última vontade, ser sepultado ao lado de Fichte, expulso da Universidade de Berlim por ateísmo, é simbólica.

A Natureza do Pensamento Racional

– **Junção de Contraditórios:** Ao constituir a síntese e afirmar a dupla negação como a junção de contraditórios, Hegel nunca conseguiu o respeito dos matemáticos. Em lógica uma dupla negação equivale à afirmação inicial (não é falso = verdadeiro). Ao negar a antítese, Hegel deveria regressar à tese inicial e analisar o erro cometido. Em lógica existe um princípio que se chama o princípio do terceiro excluído: Uma afirmação ou é falsa ou verdadeira, nunca pode ser simultaneamente verdadeira e falsa tal como também não pode ser nem falsa nem verdadeira. De outro modo, todo e qualquer código de linguagem deixa de expressar a realidade e passa a conduzir ao absurdo. Se a verdade e a falsidade se podem reunir numa síntese, como se pode saber onde está o conhecimento ou a mera opinião? O princípio da não contradição é o núcleo basilar do pensamento racional.

Foi Kant, quem ao tratar das suas antinomias, afirmou que a uma tese que não resultasse de conhecimento sintético a priori, i.e., científico, se poderia opor sempre uma antítese (no conhecimento religioso a um acredito pode sempre opor-se um não acredito). No entanto, embora admitisse poder um dia encontrar-se uma síntese para esta antinomia, jamais foi ao ponto de dizer que a síntese incluiria contraditórios mutuamente exclusivos.



A Dialética como instrumento para o apuramento conceptual

No processo de conhecimento científico, ou de indução, a contradição não pode ser permitida, porque derruba o edifício construído e deve conduzir à sua reformulação – o achado de um único cisne negro derruba a máxima de que todos os cisnes são brancos. Se não eliminarmos as contradições, o progresso detém-se, não progride. Esse parece ter sido o objectivo de Hegel. Ao afirmar que as contradições não só são inevitáveis, como permitidas e altamente desejáveis, Hegel pretendeu acabar com a ciência e com a contra-argumentação racional. Ao tornar a crítica impossível ele ergue a sua filosofia ao nível do dogmatismo.

No Princípio Era o Verbo³

Um monte de tijolos, cimento, madeira e tinta não é uma casa. O que faz as casas diferentes não é o total de tijolos, telhas, madeira e tintas de cada uma. A explosão original não foi a origem real do universo. O universo obedeceu ab initio às leis da física e da matemática. Essa ordem racional precedeu-o, da mesma forma que a concepção do arquitecto precede a casa.

Opostos e Complementares

– **Contrários e complementares:** o interno e o externo não são contrários, são complementares. Os complementares não se anulam, ambos constituem uma realidade. O meu casaco para ser casaco tem necessariamente que ter um interno e um externo que em nada se antagonizam. O mesmo posso dizer do meu próprio corpo ou de um homem e de uma mulher.

– **O ser e o não-ser:** nesta primeira premissa da dialética esconde-se um dos maiores colapsos da filosofia de Hegel. Em primeiro lugar, tudo o que existe é. Pode transformar-se, mas nunca se perde. De Lavoisier recebemos a máxima da química moderna: na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Entre os seres vivos, inclusive, esta qualidade de estar vivo só se adquire por transmissão, não vem do nada, o que é absurdo.

A morte como não ser: Na morte, aquilo que era ainda é, apenas se transformou. Desse ponto de vista morrer é complementar e não o contrário de nascer. O contrário de nascer será não-nascer, o aborto, a interrupção do ciclo. Mas até o aborto é. Quer Parménides na filosofia quer Lavoisier na ciência, expressaram que para algo se

tornar, ou seja, se transformar, teria que provir de uma substância prévia, nunca do nada!

– **O tudo e o nada:** O que é tudo? Como sabemos os filósofos estão longe de concordar quanto à plena caracterização da realidade. Será “tudo” apenas a quantidade física de matéria e energia contida no *Big Bang*? O nada existe do mesmo modo na lógica e no mundo concreto? O nada matemático existe, sabemos-lo: 0, { }. Mas o nada físico existe? Existe algo que nada contenha? No vazio espacial não se aplicam as dimensões do espaço, não decorre o tempo, não é atravessado por radiação cósmica? O nada físico não existe!

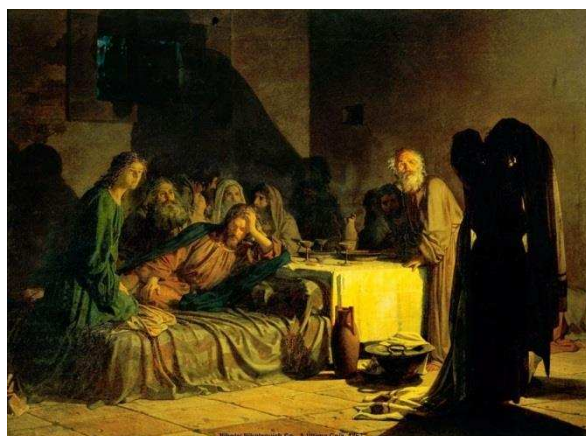
Os opostos perfeitos não existem no universo físico, apenas no matemático e no lógico. Precisamente naquele que está fora do tempo, do devir. Portanto não existe nenhuma dialética de opostos no mundo real; fora da lógica abstracta não existe dualismo perfeito, apenas aproximado.

Demos alguns exemplos: é perfeitamente consensual que +3 é o oposto ou simétrico de -3 e que verdade é o oposto de mentira, como falso o é de verdadeiro.

Mas no mundo da realidade física não é assim. Por exemplo, o cloro reage com o sódio para originar cloreto de sódio. No ADN, citosina e guanina interagem ligando-se entre si tal como a adenina com a timina. Mas sódio e cloro, citosina e guanina, adenina e timina, não são contrários mas complementares. O que caracteriza complementares é que da sua interacção surge algo de novo, tal como de um homem e de uma mulher se renova o mundo.

A água parece o oposto do fogo. No entanto, algo da sua natureza é idêntico. A água contém energia em si mesma e originou-se dessa primeira energia original do Big Bang.

O feio parece o contrário do belo, mas inúmeras vezes a aparência do belo esconde o feio. Podemos pensar nos oficiais SS, com os seus graus de *PhD* e os seus olhos azuis, em comparação com os desdentados e esqueléticos judeus. Essa penumbra é ela mesma instrumento de sedução e fonte de equívoco.



A Chave do Universo: Da Oscilação entre Opostos ao Equilíbrio Paradoxal

O segredo do universo não é tanto uma oscilação entre opostos mas o equilíbrio paradoxal. Muitas vezes existe uma terceira via que ela sim é antagónica com as duas apresentadas, ex: capitalismo e socialismo versus doutrina social da Igreja ou distributismo. A dialéctica hegeliana não é tanto uma dialéctica mas mais uma interacção. Mas nem sempre uma síntese é possível e outras vezes mais do que uma síntese diferente é obtida; por exemplo, os filhos e as respectivas diferenças. O contrário de nada não é apenas tudo; alguma coisa também é contrário de nada.

Os bonitos por vezes são feios e os feios bonitos. Pôncio Pilatos deveria estar mais belo do que Jesus Cristo no tribunal romano. Os jovens revolucionários que queriam demolir a Notre Dame mais bonitos do que o Corcunda, cuja história serviu para a salvar. Este paradoxo do belo e do feio, do bom e do mau, encontra-se na literatura na descrição do grotesco, como variabilidade natural, em oposição à perversidade, a deformação. O ditado português afirma: “Quem feio ama bonito lhe parece.” Chesterton dizia: “A menos que amemos o feio em toda a sua fealdade, nunca o transformaremos em bonito.”



A nossa época é em grande medida kantiana, hegeliana e marxista, no sentido em que predomina o cepticismo, a suspeita ou hostilidade para com o homem comum, o egocentrismo, a construção de sistemas para encaixe da realidade e finalmente a negação da possibilidade de alcançar a verdade. O que caracteriza os filósofos da moda é o materialismo e o anti-cristianismo. No entanto, o cristianismo aparece sempre em pano de fundo; estas filosofias parecem sempre construídas *em relação a* e *em negação*. Mas o facto de a discussão entre ateus e crentes continuar, tantos anos após o iluminismo, parece provar que acreditar em milagres não é próprio de uma mente menor (como afirmava Arnold Bennett) e que nenhum homem suporta morrer fora da verdade. Se tudo acaba na morte para quê discutir se existe vida para além da morte? Nenhum homem suporta morrer no erro. A ânsia pela verdade está profundamente inscrita em toda a alma humana. A verdade tem uma natureza tal, que quando um homem não segue apenas guiado pela vaidade da sua mente e do seu ego, desligado da experiência do viver quotidiano, em comunhão com os outros

homens, ela acaba por se tornar evidente ao seu espírito. Terminamos a crítica à dialética de Hegel, incidindo sobre a natureza da realidade.

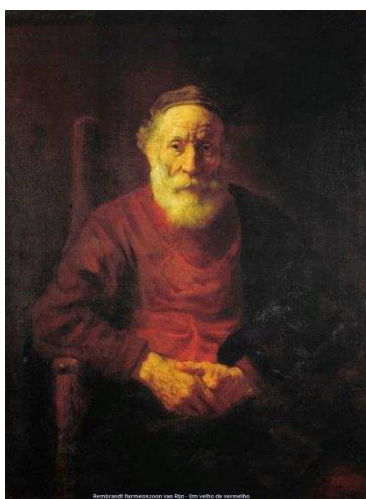
Realidade Multiforme em viagem: determinismo, probabilidade, mistério⁴

Determinismo e Probabilidade

O universo matemático independe do tempo. Os teoremas de Euclides e de Pitágoras já existiam antes destes matemáticos os terem formulado porque eles são reais, encontram-se por todo o lado no universo. E continuarão a existir depois de nós. Todo o universo se desenrola sobre o tapete da matemática. A ordem matemática racional precedeu o *Big Bang*. A origem do Universo não é de natureza física, é matemática. A matemática está fora do tempo⁵.

No universo físico a correspondência não é tão exacta como na matemática, na medida em que as substâncias sofrem transformação. No entanto, nunca alguma coisa surge do nada, tudo se conserva e transforma. O universo físico sofre a influência do tempo, mas mantém um elevado grau de determinismo. À medida que nos aproximamos da sua natureza mais fundamental, como a ultra-estrutura e a natureza da radiação, a obtenção de graus de certeza têm apenas natureza probabilística, como o demonstram a teoria quântica e a teoria da relatividade.

No universo biológico o grau de incerteza é muito superior. Não só os descendentes herdaram apenas um dos pares do ADN dos progenitores, como podem existir fenómenos de *crossing-over*, de inactivação génica, ou toda a variabilidade que a epigenética pode conferir.



No universo psicológico, acentua-se a incerteza e o subjectivismo, o que expõe a sua interpretação ao espírito da época. Primeiro acreditava-se que tudo era aprendido por educação: Rousseau e Bernard Shaw. Basta ver qual o assunto de fundo da obra de Shaw, *Pigmalion* ou *My Fair Lady* ou de *O Emílio* de J.J. Rousseau. Depois passou a acreditar-se que eram os traumas da infância que determinavam o comportamento adulto ou um misterioso *id* incognoscível, irracional, aético, submerso no interior do ser, a que se opôs o behaviorismo ou comportamentalismo. Seguiu-se que tudo era

genético. Agora pensa-se que existe um componente genético e um componente ambiental. Enfim, neste universo o grau de incerteza aumentou.

Dizia Bernard Shaw sobre o seu pessimismo: “Eu não tenho culpa, caro leitor, que o meu estilo seja a expressão de uma certa perversidade moral e intelectual, mais do que um sentido de beleza. Passei a maior parte da minha vida em cidades modernas, onde o meu sentido de beleza definhou e o meu intelecto se afundou em problemas como o das favelas.” *G B Shaw, The Bodley Head Bernard Shaw*. Chesterton poderia dizer algo semelhante e somar umas quantas desgraças pessoais e familiares; porém não optou pelo mesmo tom.

O universo moral é ainda mais complexo: porque perdoamos, porque protegemos os fracos, porque tratamos dos doentes e dos velhos, porque temos sentido de culpa, porque temos um ordenamento moral e jurídico? Porque nos causa angústia a errônea avaliação dos fracos e dos feios?

No universo religioso o grau de previsibilidade é ainda menor. Na altura em que o homem somava deuses e mitos, deu-se a inversão monoteísta e a alegoria. Na altura em que se fazia a apologia dos fortes e do auto-fortalecimento, deu-se a religião do “outro” e dos fracos. Na altura dos demónios implacáveis, veio o Deus que chora, que vacila e que reza.

À medida que o nosso universo versa sobre uma realidade mais complexa, o seu determinismo diminui e o grau de previsibilidade também. Como dizia Heisenberg, o universo foi concebido de tal forma a que o improvável seja concebível. A armadilha para os lógicos é que embora o universo pareça inteiramente lógico por se desenrolar sobre o pano de fundo da matemática, foi nele introduzido um pequeno grau de imperfeição, de incompletude, de variabilidade, que o tornam sempre maravilhosamente novo e inesperado, sem deixar ser familiar.



Uma Realidade apreensível mas não na sua totalidade

Por a realidade não ser disponível em sua totalidade, tal não significa que não seja apreensível pelo ser humano. Por uma realidade ser multiforme, sendo apenas apreensível por uma miríade de olhos, tal não significa que dois olhos não apreendam uma das múltiplas faces constitutivas da realidade poliédrica. Ninguém pode dominar simultaneamente a matemática, a medicina, a arquitectura, a física, a música, etc. Tal não significa que não conheçamos aquilo que conhecemos. Por nem da natureza humana sermos senhores, isso não faz de nós menos humanos.

Por eu ser analfabeto musical não significa que eu não guardo capacidade de avaliação de uma peça musical ou de uma melodia. Por eu ignorar conceitos matemáticos como o de números imaginários não significa que eu não sou confiável no uso da aritmética. Por eu ser um zero em pintura não significa que não posso apreciar um quadro. Será que Mozart não era músico por não conhecer a música rock? Ou será que Münch não era pintor por não pintar como Delacroix?

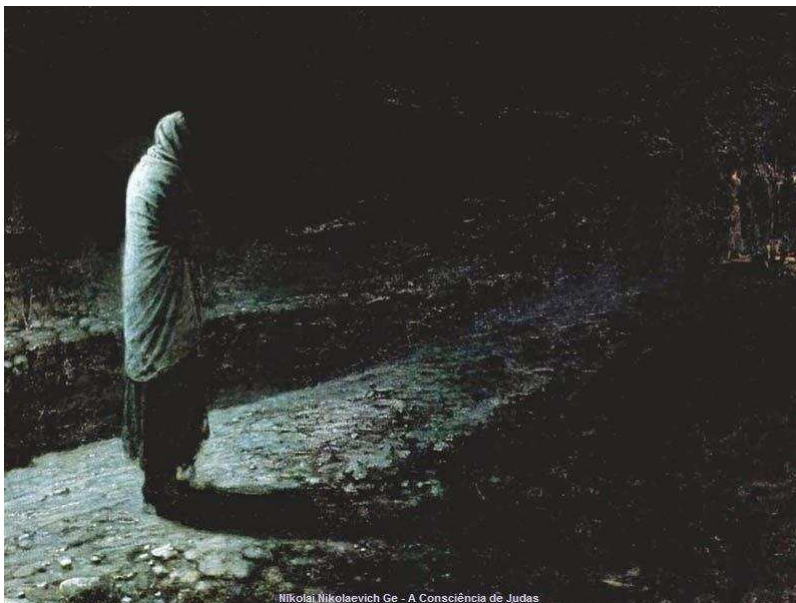
A realidade incomunicável também é conhecimento

Hegel afirmava que o que é incomunicável não é conhecimento, é o mero acreditado. Mas sem ir para o campo da metafísica, não é difícil de provar que existe algo na realidade de incomunicável e intangível que é conhecimento. Por exemplo quando tentamos traduzir uma língua estrangeira, existe algo do saber comum de um outro povo que não conseguimos colocar por completo na nossa tradução, mesmo que compreendamos do que se trata, pela falta de equivalentes precisos. Há algo nos conselhos que nos dão que não os torna completamente credíveis, porque eles não passaram pelo fogo da nossa própria experiência. Há algo naquilo que os nossos pais fizeram por nós que, por mais que o tenhamos admirado, nunca valorizamos completamente; é, por sua vez, quando, nos tornamos pais que compreendemos melhor a acção dos nossos próprios pais, as suas angústias, ânsias e alegrias. É quando tentamos descrever fisicamente uma pessoa que compreendemos que falta algo na linguagem que só a arte pode melhor expressar. Hegel foi traído pelo seu anti-empirismo radical. A realidade é apreensível mas tem uma dimensão intangível.

A posse esgota o desejo; é a liberdade que o mantém

Hegel dizia que o desejo se esgotava com a posse do objecto e que a posse era essencial ao homem no processo de identificação. Todos temos a experiência do brinquedo abandonado ao fim de uns dias de uso quando éramos crianças; ou, em adultos, do automóvel que perdeu aquele brilho que possuía quando chegou à garagem pela primeira vez. No entanto, se amamos uma pessoa, ela nunca é o objecto que se possui, o desejo nunca se esfuma; é na sua liberdade que se funda o nosso desejo. Como não conseguimos englobar toda a realidade cognoscível – matemática, ciência, arte, etc. – o nosso desejo de conhecer não se esgota. Também a desproporção que existe entre o intelecto criado e o Criador não cessa o desejo: “Tal

como a corça suspira pelas torrentes de água, assim eu anseio por Vós, ó meu Deus.”



O que é real é a particularidade

Os testes de ADN, as impressões digitais, o número de poros/cm², a leitura da íris, todos nos indicam uma realidade e unicidade no que é individual. Até por características tão triviais como o som que se faz ao caminhar, se pode reconhecer uma pessoa próxima. E o que dizer da especificidade do olfacto dos cães que seguem um rasto de uma pessoa específica às vezes com sete dias de intervalo? É exactamente ao "tudo" que falta consistência e concordância. É mais fácil descrever as características objectivas de uma pessoa determinada do que as características do povo a que pertence, sobre o qual haverá sempre opiniões contraditórias. O próprio Deus indicou essa realidade ao comunicar sempre por meio de indivíduos concretos.

O Tempo como desenvolvimento de uma realidade incompleta

O tempo determina todo o pensamento da lógica hegeliana. No sentido em que o processo em si é a realidade enquanto que as coisas são apenas estados, meras ilusões. Mas devido à incompletude da vida, à sua natureza particular e única em cada coisa, parece que o tempo é apenas uma etapa para a necessária interacção entre as pessoas, os seres e as coisas, e para a sua completude. Como se a presença de realidades concretas tão dissemelhantes servissem para limar arestas e fazer realçar vícios e virtudes. As coisas serão assim as realidades e o tempo um processo, em que elas se revelam e se transformam, como acontecimentos numa fita de cinema.

O Progresso Como Retorno



Os ciclos que são presentes em toda a biologia são meios para se chegar a qualquer lado. O ciclo de Krebs, o ciclo da ureia, o ciclo da água, são como as rotundas do trânsito, soluções práticas para escoar coisas. Aceitarei imediatamente que o ciclo é a finalidade em si mesmo quando alguém me disser que o objectivo de uma rotunda é circular continuamente à volta dela, em vez de escoar o trânsito com uma determinada ordem e finalidade. Aceitarei que a viagem é mais importante do que a chegada a um determinado local, quando alguém me disser que o melhor de uma viagem a Londres é a estadia no avião.

Se a dialéctica se fecha apenas em tese-antítese-síntese, é possível como princípio de acção política, ao desejar uma determinada síntese, agir de forma inversa e preparar as respectivas tese e antítese. Este mecanicismo ou esquematismo é encerrado em si mesmo, e ignora o quanto a acção histórica e a própria vida decorre a partir de acontecimentos e personagens inteiramente inesperados e imprevisíveis. Se a História fosse fixa e tivesse chegado ao fim, se fosse pré-determinada, então seria um elevador que nos traria ao nosso tempo, o fim da História. Mas o que impede que a História seja uma maçada enfadonha é precisamente o facto de que a História está cheia de surpresas.

Se o progresso é uma finalidade, então nunca existe ponto de partida nem ponto de chegada, existe sempre o processo e não as coisas, existe apenas fluxo. Como diz Chesterton, não existindo objecto sobre o qual pensar, não existe pensamento (porque não existe alteridade). A lógica de Hegel inicia-se com um ataque à fé e termina com um ataque à razão. Desse ponto de vista é a estrada da crença moderna, da moderna filosofia. *C'est la folie!*

Mas... "Eu renovo todas as coisas."^{6!}

Notas:

(Notas 3, 4 e 5 de Olavo de Carvalho).

¹ A pergunta certa seria onde ou qual a origem da verdade. A verdade é a realidade sobre qualquer coisa. A realidade das coisas remete à origem última da realidade. Essa origem última da realidade não é o universo, nem um local. A origem última da realidade é um intelecto, uma pessoa que lhe deu origem. Desse modo a natureza da realidade expressa de algum modo a natureza dessa pessoa: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Ao desancorarmos da realidade última ou original, desancoramos da realidade próxima ou concreta, o objecto do conhecimento, e da sua expressão clara, na arte e na linguagem. Chesterton expressou bem esta ideia: “Sabíamos que ao colocar a fé em questão acabaríamos por deitar a razão abaixo do seu trono. Ambas são processos demonstrativos que não podem ser demonstrados.”

² Na Cruz Azul diz Flambeau: Estes infiéis modernos apelam à razão, mas quem pode olhar para essa miríade de mundos e não imaginar que podem existir universos maravilhosos acima de nós onde a razão seja completamente irracional?” Após a sua captura, o Padre Brown explica: “ Ele atacou a razão...E isso é má teologia.”

³ A origem do cosmos e a da realidade são completamente diferentes. Antes da construção do cosmos a realidade já estava determinada racionalmente, a lógico-matemática, independe do tempo e é eterna – é a estrutura da eternidade. Antes do início do universo já $2+2=4$. O universo físico não é a origem das coisas. Nada existe no cosmos que não esteja incluído na estrutura da possibilidade que é organizada internamente pela lógica-matemática; não aleatória mas racionalmente – o universo é uma realização racional, compreensível e dedutível. A ciência é uma mera perseguição ao que já foi realizado – a ciência segue as pegadas de um universo que já está todo lá. Existe uma estrutura racional que contém todas as possibilidades que se manifestaram no tempo e não é determinada por elas – tudo está contido na estrutura da possibilidade. O desenvolvimento estocástico é absurdo. A razão pré-existe à realidade física, o logos pré-existe ao universo, no princípio era o verbo.

Qual a origem da estrutura da realidade? Não da realidade manifesta que depende da anterior, mas da realidade, porque a lógica matemática precede a realidade física. A razão precede o universo. A sucessão temporal não possui a inexorabilidade da lógica matemática. A natureza física está dentro da lógica matemática mas não a reproduz inteiramente. As discussões sobre a origem do cosmos actuais nunca levam em conta o facto de que a ordem lógica matemática precede a origem física. O cepticismo actual é um materialismo pueril.

⁴ Não existe uma correspondência exacta entre o edifício matemático e a ordem da natureza. Existe um elo, mas não tão firme quanto o da fundamentação lógica, porque na relação causa-efeito foi introduzida a dimensão do espaço e do tempo. É uma correspondência real, mas aproximada (hiato). Não existe a mesma nitidez nem inexorabilidade, não existe uma correspondência perfeita. A realidade matemática não depende do universo físico, mas o universo físico obedece, com esse hiato, à ordem lógico-matemática. Ela é algo, ela não é um nada. Aristóteles tinha razão.

⁵ Conceito - diferença entre os conceitos matemáticos e os de qualquer outra coisa. Um conceito matemático é sempre fechado em si mesmo e imutável (imutabilidade do objecto: 2, 3, etc.). O significado esgota-se completamente no conceito – é a estabilidade dos entes matemáticos de Platão. Este facto nem é dado pela ordem externa nem é invenção da mente humana. Formas independentes da realidade física existente mas que não são inexistentes. Não são inventadas porque são acessíveis a qualquer homem, são universais. Estas entidades ideais estruturam-se coerentemente no edifício da aritmética. Existe relação lógica entre a premissa (o fundamento) e a conclusão (o fundamentado) numa dedução matemática. A aritmética é inteiramente dedutível.

⁶ Ap., 21, 5-6.